

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

1D. 13, 14.

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

OS BISPOS PORTUGUEZES E O MONUMENTO A PIO IX, O GRANDE.—SECÇÃO RELIGIOSA: *O Matrimonio*, conclusão da pastoral de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal; *Elevação sobre a Salve Rainha*, (continuação) pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *Tratado da Religião em Geral*, Artigo II, (continuação) V. de P. P.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem prehistorico*, pelo Padre F. Sanches.—SECÇÃO HISTORICA: *Noticia succinta dos concilios da antiga e muito illustre egreja de Braga*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos.—SECÇÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!*, por um leitor de gazetas.—SECÇÃO LITTERARIA: *O S. João no mar*, poesia, por J. de Lemos; *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. Gay, traducção do Padre Lima, (continuação).—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por A. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*Boletim do Monumento a Pio IX, o Grande*.—SECÇÃO PARA RIR.—*Correio sem franquia*.

GUIMARÃES 15 DE DEZEMBRO DE 1881

OS BISPOS PORTUGUEZES

E

O MONUMENTO A PIO IX, O GRANDE

Principiamos hoje a publicar as cartas que os respeitaveis membros do Episcopado portuguez dirigem á Commissão promotora do monumento a Pio IX, o Grande, em resposta á carta que lhe foi dirigida, e fal-o-hemos observando rigorosamente a ordem das datas em que forem escriptas e recebidas.

E damos-lhe logar de honra, porque nada mais honroso para a Commissão do que vêr os Prelados da nação fidelissima associarem-se ao grandioso pensamento que é já a admiração do mundo catholico.

I

De S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Vigario
Geral e Governador
do Bispado de Castello Branco

Ex.ªs Snrs.—Accedendo da melhor vontade aos desejos de V. Ex.ª, muito estimarei, que os fieis d'esta Diocese correspondam ao meu appello, subscrevendo com algum donativo a favor do monumento, que se projecta erigir á

memoria do immortal Pio IX.—Deus Guarde a V. Ex.ª—Castello Branco, 18 de novembro de 1881.—Ex.ªo Snr. Presidente e mais membros da Commissão promotora do monumento a Pio IX.

O Vigario Geral,
Joaquim José Pombo.

II

De S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Arcebispo
de Braga,
Primaz das Hespanhas

Ill.ªo e Revd.ªo Snr.—Não temos duvida alguma em juntar o nosso nome á lista dos cidadãos, que se propõem levantar um monumento á memoria do glorioso Pontifice Pio IX, que pessoalmente conhecemos, e do qual recebemos tantos testemunhos de benevolencia e particular affecto á Nossa pessoa.

Sabemos que o Santo PADRE LEÃO XIII, ora reinante na Egreja de DEUS, tinha approvado e abençoado obra tão piedosa; e nós, como Prelado d'esta Archidiocese, congratulando-nos com os membros da Commissão, já nomeada, damos tambem a todos a NOSSA BENÇÃO PASTORAL.

DEUS Guarde a V. S.ª Revd.ª—Paço de Braga 20 de novembro de 1881.—Ill.ªo e Revd.ªo Snr. Arcipreste de Guimarães, Presidente da Commissão.

J., Arcebispo Primaz.

Secção Religiosa

O MATRIMONIO

PASTORAL DE S. EX.ª REV.ª O SNR.
BISPO DO FUNCHAL

(Conclusão do n.º antecedente)

Ora reconhecer na religião o unico cimento que pode unir as pedras do edificio publico, o mais poderoso freio para conter as paixões violentas do povo, a solida garantia de todos os direitos e o flador escrupuloso e pontual de todos os deveres, mas, sem levar em conta estas eternas verdades, proclamadas constantemente pela experiencia, arrancar o principio religioso do coração dos povos, separar-o das leis, do ensino, das instituições politicas, do governo do Estado, é um crime não só religioso, mas social e politico.

O casamento civil é contrario ás leis divinas, é um peccado gravissimo de apostasia, mas ainda de escandalo, de incontinencia publica; logo não só commettem uma impiedade e uma grave offensa a Deus e aos homens quantos, no seio da Egreja, ousarem contrahit-o, mas ainda concorrem para que se leve a effeito.

Sabemos que as trevas do atheismo e do indifferentismo são bem densas n'alguns espiritos que nunca estudaram o cathecismo; sabemos que o rancor aos preceitos da religião catholica é fundo n'alguns corações, tanto mais quanto reconhecem n'ella a mais formidavel

barreira do vicio e das paixões; mas por isso mesmo devemos levantar a voz para bradar a todos, prevenir os incautos e avisar os desvairados. Devemos todos, como discipulos de Jesus Christo, implorar o divino auxilio para todos quantos vão declinando dos caminhos rectos da sancta e incorruptivel doutrina. «Oremos pelos que nos perseguem e calumniam», cumprindo praticamente os preceitos do divino Mestre. (1)

E' necessario abominar os erros e o mal, mas não é jámais licito aborrecer os impios ou os perversos.

Accitemos como merecida punição das proprias culpas a perseguição injusta e cruel que se faz á santa Igreja, nossa Mãe, e tiremos d'ahi motivos para nos penitenciar e correr denodadamente em sua defeza.

Verdadeiramente humilhados, carissimos filhos, prostrae-vos para implorar de Deus graças para vós, vossas familias, vossos amigos e inimigos, para todos.

Fugi d'essas abominaveis ligações contrahidas fóra da Igreja, e que por Ella são condemnadas, como immoralissimas.

Fugi dos tristes desventurados que caíram n'esse horrivel laço, pois que a perversão de pensamentos e de acções é contagiosa, e não só a honestidade e a decencia se oppõe a tal commercio, como a expressa recommendação do Espirito Sancto — *cum ejusmodi nec cibum sumere* — «com este tal, diz S. Paulo (isto é o dissoluto, avarento, idolatra, maldizente, ebrio e ladrão), nem comêr deveis.» (2) Da mesma forma é necessario fugir dos que estão fóra do gremio da Igreja pela pertinacia no erro e na immoralidade: *haereticum hominem post unam, et secundam correptionem devita*. «Foge do homem herege.»

«Foge do homem herege depois da primeira e segunda correção.» (3) Nem vos pareça falta de caridade essa abstenção de relações, porque, como tambem foi dicto pelo Rei propheta, «com o sancto serás sancto e com o perverso serás perverso.» (4)

O proprio discipulo do amor, S. João, marcava a linha de proceder com os que não acreditam em Jesus Christo ou não observam seus mandamentos: «porque muitos impostores se tem levantado no mundo que não confessam que Jesus Christo veio em carne: este tal é impostor e Anti-Christo. Estae áleria sobre vós, para que não percaes o que haveis obrado; mas antes recebeas uma plena recompensa. Todo o que se apar-

ta e não permanece na doutrina de Christo, não tem a Deus... se alguém vem a vós e não traz esta doutrina, não o recebeas em vossa casa nem lhe digaes—Deus te salve. Porque o que lhe diz Deus te salve communica com as suas malignas obras.» *Nolite recipere eum in domum, nec Ave ei dixeritis.* (1)

Não basta porém evitar só o casamento civil e os desventurados que o contrahiram, necessario é tambem observar antes de receber este sacramento em face da Igreja, quanto por Ella tem sido sabiamente ordenado.

A ignorancia de uns e a fé amortecida de outros os persuade acaso que são importunidades as exigencias preparatorias do matrimonio. Não, para um dos actos mais sérios da vida será de absoluta necessidade e de acertada prudencia empregar o maior escrupulo, para se pouparem os desgostos, que, aliás serão inevitaveis no futuro. Os espinhos do dissabor e as lagrimas tardias do arrependimento nein sempre são remedio das loucuras e imprudencias antes do casamento commettidas.

A primeira falta, origem de acerbos desgostos, consiste na excessiva familiaridade com que os nubentes se tratam, devida na maxima parte á tolerancia tão imprudente como criminosa das familias. Nem uns nem outros attendem a que é um sacramento que ha-de receber-se, e por conseguinte quaes as disposições d'alma e corpo indispensaveis para bem e dignamente se aproximarem do altar sancto. Ao contrario; vivem os futuros esposos por espaço de mezes e annos em estado de peccado habitual!

E, porque a companhia de Satanaz é sempre incommoda e nociva, rebentam os odios e conflictos, que semeiam lamentaveis desordens n'aquelle terreno, o qual devia estar cuidadosamente preparado para receber as benções do ceu. Depois as victimas vem carpir-se de seu proceder leviano, mas quantas vezes sem remedio, porque o algoz volceu a face e cerrou os ouvidos a esses tristes lamentos!

A moral Christã é mui delicada e severa para consentir as liberdades que os desposados se arrogam. Aos paes incumbe a mais accurada vigilancia, se querem poupar-se a desgostos e a responsabilidades.

Os impedimentos de parentesco, ou d'outra especie, estabelecidos em direito, são tidos tambem em pouca conta por muitas familias; e, não obstante as penas severas, comminadas a quantos, devendo denunciá-los, o não fazem, varios e por ventura frequentes matrimonios se levam a effeito sem a necessa-

ria dispensa. Se o divino Mestre não dissera a seus discipulos que a elles pertencia o ligar e desligar, por que, quanto e como fizessem na terra, assim seria sancionado no ceu, poderia contestar-se a legitimidade d'estes obices, postos ao casamento. Mas, ser christão e desprezar uma lei da Igreja, não pôde conceber-se.

Um matrimonio contrahido com impedimento dirimente é nullo, é tambem uma união peccaminosa, e os que ouzarem realisá-lo, a despeito das leis ecclesiasticas, ficam incursos em censura.

Será licito esperar felicidades e venturas em uma união d'esta natureza? Não é possivel, por isso que Deus não sancionou no ceu o acto que os esposos praticaram na terra.

E' necessario que todos prestem a mais séria attenção a este assumpto; e ainda uma vez chamamos para elle toda a vigilancia e actividade de nossos amados cooperadores. Recommendam as Constituições d'este bispado que se escolha para objecto da Homilia, em algumas das domingas do anno, o sacramento do matrimonio, a fim de que o povo fiel tenha o preciso conhecimento de tão importante ponto de doutrina. A experiencia da vida pastoral é sem duvida o melhor argumento em favor de uma tão acertada providencia.

Diariamente, para dizel-o assim, estão sendo descobertos matrimonios nulos, por falta de dispensa, ou por se haver calado toda a verdade e a legitima causa na occasião em que foi sollicitada. Por occasião de nossas visitas temos sanado muitos casamentos nulos, e outros muitos aqui mesmo a pedido dos reverendos parochos e confessores. No confessorario se deve inquirir com tanto criterio, como reclama materia tão melindrosa, da maneira como foi contrahido o matrimonio, por quanto succede que não só este seja nullo, mas o sejam tambem todas as confissões que desde então tenham sido feitas, visto que se occultou maliciosamente peccado grave.

Note-se bem o que fica já ponderado relativamente á mui reprehensivel familiaridade com a qual se tractam os nubentes, á difficuldade em observar a separação durante a execucao da dispensa, ao pejo natural em descobrir as faltas commettidas, á malicia inherente á propria natureza, e ainda á ignorancia e rudeza em todos os pontos de doutrina christã.

A união conjugal, sanctificada com as benções *inter Missarum solemnias*, deve ser instantemente recommendada, e sem nos parecer necessario repetir aqui o que já foi dicto em nossa exhortação pastoral de 22 de Fevereiro de 1878, nos limitamos n'este momento a recordar: que a praxe da Igreja, geralmente

(1) Math. 5-11.

(2) I Ad. Cor. 5-11.

(3) I Ad. Tit. 3-10.

(4) Ps. 17-27.

(1) II S. Joan. 7 a 11.

seguida em todos os tempos, tem sido essa. Se, em tão solemne momento de sua vida, os esposos não supplicam com todas as véras de sua alma, os divinos favores são faltos de fé, ou de juizo, pois não vêem a mesquinhez de suas forças para um encargo de peso tão tremendo. Quem será tão inconsiderado, que não preste a mais reflectida attenção n'esta conjunctura da vida? Quem haverá de tanta vaidade, que pense poder dispensar o auxilio superior? Quem tão incredulo, que ouse asseverar-o?

Não basta pois fugir do *casamento civil*, como de um acto criminoso, e dos infelizes que o contrahiram como de apostatas e peccadores publicos, é necessario obedecer em tudo á nossa sancta Madre Igreja, como á guia e mestra que nos conduz no caminho da vida presente ao porto seguro da eternidade. Fóra d'ella não pôde haver salvação, e os que transgridem suas leis e desprezam sua voz, se collocam por isso mesmo fóra do seu seio maternal e carinhoso, submergindo-se infallivelmente no abysmo do erro e da eterna perdição.

Que a Virgem Santissima, nossa Mãe celeste, seja para todos valiosa intercessora ante seu amado Filho, Jesus Christo, cuja divina benção vos ampare, defenda e fortaleça.

Em todas as egrejas parochiaes e de conventos, bem como nas capellas, onde fór celebrada Missa ao povo, será lida e devidamente explicada nos domingos da proxima quaresma esta nossa exhortação pastoral, devendo depois ser guardada no respectivo archivo junto com os documentos da mesma especie.

Dada sob nosso signal e sello, em nossa actual residencia da Penha de França, aos 4 dias de Fevereiro de 1881 quarto anniversario de nossa sagração episcopal.

Logar do sello.

Manoel, Bispo do Funchal.

ELEVAÇÃO SOBRE A SALVE RAINHA

II

A vós bradamos os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando n'este valle de lagrimas.

Sancta Maria, succurre miseria.
(S. Agost. serm. 18 de Sanctis)

Mãe pura e Virgem immaculada, gloriosa rainha do mundo, a cujo nome Augusto ajoelha o ceo, a terra e o inferno, lançaes lá do alto, onde reinaes á direita

do vosso Unigenito, olhos compassivos sobre a triste humanidade que cá em baixo arrasta uma vida de tribulações.

Lá da patria, em que estaes vendo e gosando a face do Eterno, lembrac-vos de quem n'este desterro do mundo vos supplica o remedio e a consolação.

O peccado, herança fatal que nos legou nosso primeiro pae, nos traz presos com as mais duras cadeias, e é por isso que

A vós bradamos os degredados filhos de Eva.

Vinde romper estes ferros que nos cravizam ás vis e infames paixões. Vinde tirar-nos do lodo de desgraças em que continuamente nos revolvemos.

Amassados pelas proprias mãos de Deus, fomos creados na innocencia; mas o demonio, disfarçado na astuta serpente, conseguiu illudir Eva, de quem somos filhos pelo sangue e pelo peccado.

Estavamos destinados a passar dias tranquillos, de prazer e de virtude, no jardim chamado por isso das delicias, sendo a final conduzidos a gosar da gloria celestial; mas o peccado veio transformar esta feliz ordem de cousas, obrigando um Deus justo a exterminar o homem do paraizo, e a fechar-lhe as portas do ceo.

E' desde essa epocha fatal, que marca o periodo da nossa maior desgraça, que somos os *degredados filhos de Eva*; degredados do Eden delicioso que Deus dera ao homem para seu cuidado e prazer.

E a quem devemos pedir auxilio? A quem protecção? A quem soccorro?

A vós, soberana Senhora, que fostes escolhida por Deus para esmagar a cabeça da infernal serpente.

A vós que fostes figurada na mulher forte de que falla Salomão no livro dos Proverbios.

A vós que possuis a mais admiravel formosura, que gosaes as mais raras perfeições, què fostes elevada á mais alta dignidade, e a quem todas as creaturas devem continuamente louvar, honrar e glorificar, ainda que d'aqui lhes não resultasse a menor utilidade.

Portanto, ó benefica estrella do mar, Santa Mãe de Deus, Virgem sempre virgem e feliz porta do ceo, visto que vossos labios só derramam graça e suavidade, visto que o Senhor vos abençoou por todos os seculos, soccorrei-nos: a nós que andamos afflictos. Amparae-nos: a nós que andamos desamparados. Livrae-nos: a nós que estamos presos e encarcerados. Illuminae-nos: a nós que vivemos na maior escuridade. Felicitaenos: a nós que somos desgraçados. Mostrae que sois nossa mãe: a nós que somos vossos indignos e ingratos filhos.

Todos os males nos opprimem, porque vivemos desterrados de todos os bens; mas em vós, que sois o templo

do Senhor e o sacrario do Espirito Santo, temos quem escute nossos clamores, e attenda a nossos rogos.

Vós fostes o ceo que nos deu o Sol da justiça. Vós sois a santa dos santos, o veu de Gedeão, a vara sacerdotal, a porta oriental de Ezechiel, o cedro do Libano, o cypreste de Sião, a palma de Cades, a rosa de Jerichó, a oliveira espiciosa, o platano exaltado, o cinamomo e o balsamo aromatizante e a myrrha suave.

Vós sois aquelle monte de Ephraim, segundo interpreta S. Gregorio Magno, porque sois superior a todas as creaturas.

Assim como o veado deseja as fontes de agua, da mesma sorte as nossas almas apeteem a presenca do nosso Deus; mas vós que sois a nossa mediadora e advogada perante o throno do Eterno, o nosso escudo nas adversidades da vida, alcançae-nos o sermos apresentados deante da sua divina graça.

A maneira do santo rei David, o nosso pão quotidiano são as lagrimas que dia e noite derramamos; cançamo-nos de chorar n'esta terra ingrata, farta de dôres e inquietações, e lavamos com lagrimas o nosso estrado. Portanto *a vós suspiramos, gemendo e chorando n'este valle de lagrimas.*

Suspiramos pelo nosso Deus, que move tudo ao seu aceno, e que tem por throno o ceo, por columna a terra e por sceptro o mundo inteiro.

Suspiramos, porque vivemos accomettidos de inimigos, em cuju bocca não existe a verdade, e que toem o coração cheio de vaidades.

Sêde, Virgem Santissima, a nossa mediadora perante o Eterno.

D'este valle, por onde caminhamos lacrimosos e inconsolaveis, levantamos os olhos para o monte, que sois vós, ó Virgem singular, entre todas a mais branda e terna.

Sim, para vós apellamos n'esta demanda injusta que nos promove o inimigo irreconciliavel do genero humano.

Permitti, ó *espelho da justiça*, que o Omnipotente dé a nosso favor a sentença, para vos cantarmos eternamente: *Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco.*

Emquanto peregrinamos n'este valle, seremos vossos devotos, e, depois que deixarmos a terra, seremos no empyreo eternos adoradores do vosso Jesus, na vossa companhia e na de todos os cortesãos da Jerusalem celeste.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

TRATADO
DA
RELIGIÃO EM GERAL

ARTIGO II

A religião é necessaria á sociedade

(Continuado do n.º 1 do 4.º anno)

XXII

Além d'isto não ha crimes de muitas especies que escapam á vigilancia da policia e á animadversão das leis? Que pode o Codigo penal contra os crimes e delictos occultos? Que pode elle, por exemplo, contra os réos de infanticidio, antes do menino nascer, ou, depois de nascido, faltando-lhe com os cuidados e cousas necessarias á vida? Que podem os tribunaes contra os réos de adultério, quando não haja sequer a menor suspeita do crime? Que podem elles contra os que lançam fogo a uma casa, a uma aldeia, a uma villa, a uma cidade inteira, se, como não poucas vezes acontece, não pode provar-se judicialmente quem são os incendiarios? Que pena imporá o magistrado ao cadaver d'aquelle que, para subtrahir-se a uma morte ignominiosa, voltou contra si proprio as armas homicidas, depois de se ter servido d'ellas para assassinar seu visinho, seu amo, seu pae ou seu rei? Graças ao progresso, tirando aos homens a crença e o temor do inferno, a philosophia tira-lhes ao mesmo tempo o temor da justiça humana; offerece-lhes a impunidade dos maiores crimes, dando-lhes, no suicidio, o meio de desarmarem o carrasco. Não, mais uma vez o repetimos, as leis sancionadas sómente pela prisão, pelo banho ou pelo cadafalso, não poderão fazer feliz uma sociedade, nem assegurar a prosperidade d'uma nação. De que servem as leis sem os costumes, perguntava um pagão: *Quid leyes sine moribus vanae proficiunt?*

XXIII

Mas, o que acontece com as constituições politicas e com as leis civis, acontece igualmente com os costumes; não intervindo n'elles a religião, assentam tambem no arbitrio, no egoismo e na força. Quando se ensaia a formação dos costumes d'um paiz pela simples razão, fóra das leis divinas, o homem é naturalmente levado a não reconhecer outra auctoridade, outra lei, que a força dirigida pelo interesse particular ou pela paixão; não tem outras regras que os seus desejos, que a astucia e a fraude, que elle coloreia com o nome de sabe-

doria ou habilidade. Que se vê então na sociedade, senão uma reunião de homens inimigos uns dos outros, e constantemente occupados em se prejudicarem mutuamente? Sujeitos á unica lei de seus appetites, independentes de toda a auctoridade e livres de todo o dever, já não carecem de razão para legitimar seus actos: basta que o homem possa e queira; com estas duas condições, tudo lhe é licito. O campo, a casa, a mulher de seu visinho, tudo lhe pertence de direito natural; pode aproveitar-se d'isto se quizer, e se fór mais forte: a natureza não lhe cohihe nada além do que lhe é physicamente impossivel (1). «Os discipulos ou imitadores de Epicuro ou de Spinoza, diz Leibnitz, crendo-se descarregados do temor importuno de uma Providencia vigilante e de um futuro ameaçador, soltam as redes ás suas paixões brutaes, e voltam seu animo para a se-Jueção e corrupção dos outros; e se são ambiciosos e d'uma indole um pouco dura, serão capazes, para seu prazer ou progresso, de pôr fogo aos quatro cantos do mundo, temperã de que eu conheci alguns que a morte já levou (2).»

XXIV

A virtude sem a religião não passa de um nome vão: «Eu não entendo, diz Rousseau, como se possa ser virtuoso sem religião; fui muito tempo d'outra opinião, mas hoje estou desiludido (3).» Partindo o freio do vicio, a philosophia antireligiosa não reserva nada para a virtude. Que nos promete ella, de facto? um nome que não temos a segurança de gozar; um vão prurido de reputação que o sabio despreza como incapaz de consolar-nos de algum infortunio. Além de que, essa promessa, quem nol-a affiança? A virtude, em vez de nos attrahir a estima e consideração dos nossos concidadãos, não nos attrahirã os insultos e as vaias d'elles? quem nos responde por isso? Se não ha religião, evidentemente só os maus é que raciocinam, os bons não passam de uns insensatos, e por conseguinte, de umas creaturas dignas de desprezo.

XXV

Invocareis o principio da honra como principio da virtude? «Mas, diz tambem Leibnitz, que por ser philosopho christão, não era menos philosopho, o distinctivo do homem de bem e honrado entre elles (atheus e pantheistas), é o não commetterem baixeza nenhuma no

sentido em que elles a tomam. E se, por grandeza ou por capricho, alguém derramasse um diluvio de sangue, se virmos tudo com o debaixo para cima, não se tomaria isso em conta nenhuma, e um Erostrato dos antigos tempos, ou um D. João no *Festim de Pedro*, passaria por um heroe. Moteja-se altamente do amor da patria, mette-se a ridiculo os que teem cuidado do publico; e quando alguém bem intencionado falla do que virã a acontecer á posteridade, responde-se-lhe: Então como então (4).»

(Continúa).

V. DE P. P.

Secção Scientifica

O HOMEM PREHISTORICO

(Continuação)

A hypothese porem do homem terciario anda ligada uma nova hypothese, a qual tem pelo menos o subido merito de patentear mais uma vez que as asserções gratuitas formam uma grande parte dos *conhecimentos positivos* em assumptos prehistoricos.

Não nos furtaremos por isso a discutir-a; mas antes de o fazer seja-nos lícito dizer as primeiras impressões que recebemos ao percorrer a galeria anthropologica da Exposição de Paris em 1878. Ao meio do salão destacavam-se quatro *respectaveis* monos em posições graciosas e não longe varias colleccões de sílex terciarios, apresentadas pelo abbade Bourgeois, Rames, Carlos Ribeiro, etc.

Perguntei então a mim mesmo que razão haveria para collocar o gibbon, o orangó, o gorilla e o chimpanzé em uma exposição de anthropologia, onde esperava encontrar somente aquillo que pudesse auxiliar o estudo do homem considerado como especie

Depois de parafuzar por um pouco, pareceu-me ter descoberto a incognita vendo ali o dedo de Mortillet acariciando a sua felicissima concepção, a sua nova theoria acerca do homem terciario.

Este sabio, dando como provada a *intencionalidade da talha de alguns sílex encontrados em terrenos terciarios*, sustenta que o ser que os lavrou não era ainda homem, mas um precursor do homem, o qual foi o tronco comum donde sahiram os homens e os monos anthropomorphos.

Esta affirmacão bazeia-se, segundo elle, em leis paleontologicas. Desde os

(1) Veja o *Ensaio da indifferença em materia religiosa*, tom. 1, c. x.

(2) *Novo ensaio acerca do entendimento humano*, liv. ix, cap. xvi.

(3) Carta a respeito dos espectaculos.

(4) *Novo ensaio acerca do entendimento*, etc.

remotissimos tempos miocenes os mamíferos renovaram-se pelo menos trez vezes.

Ora sendo certo que os animaes variam nas diferentes camadas da terra, e tanto mais quanto a sua organização é mais complexa; como poderia o homem ter sido sempre o mesmo quando tudo se modificava em volta d'elle?

Ferré responde: «Bado de barato que as mesmas leis presidem ao desenvolvimento do homem e dos animaes, é evidente que só podemos affirmar por analogia do primeiro aquillo que observamos nos segundos. E que observamos no reino animal? Que as faunas variam, é verdade; mas como variam? Será por evolução, transformando-se as especies existentes por seu natifral desenvolvimento em novas especies?

Nenhum dos factos até hoje conhecidos, relativos ás faunas dos tempos quaternarios e da segunda metade dos tempos terciarios, auctorisa semelhante conclusão. Pelo contrario vemos que estas faunas variam, por influencia das mudanças nas condições do clima, sendo substituidas as especies antigas que emigram, como o renno, ou se extinguem, como o mammuth, por especies novas que vem de fóra.

Por tanto, se desde a formação miocene nenhuma especie das faunas europeas soffreu modificações radicaes no seu organismo, com que fundamento pretendemos affirmar as do homem?»

Esta mesma hypothese de Mortillet é defendida por Hovelacque, transformista da gemma, em nome da linguistica.

«A unica faculdade que distingue o homem dos animaes é a palavra, e por muito que retrocedamos no passado, o ser que encontraremos provisto da linguagem articulada é certamente homem, mas não é o que careça d'esta faculdade. Porém não podemos convencer-nos de que a linguagem fóra dada ao homem de repente, sem causa, *ex nihilo*; mas que pelo contrario é o fructo do seu desenvolvimento progressivo, o producto do seu aperfeiçoamento organico. E sendo assim, antes do homem, caracterizado pela faculdade da linguagem, existiu outro ser que estava em caminho de a adquirir, ou que caminhava para ser homem.»

Foi este ser alalo ou mudo, do qual descendem os homens e os monos, que talhou os silex de Thenay, segundo opinava Hovelacque.

Sem duvida que a faculdade da palavra é um dom dos mais preciosos com que Deus (eis a *causa* que de repente deu ao homem a linguagem articulada) enriqueceu o homem, sendo ao mesmo tempo um dos seus caracteres especificos de maior valia. Mas entendamo-nos. Não é á voz articulada que nós devemos todos os nossos progressos, como pre-

tende Hovelacque. A palavra não é mais do que o vestivo do pensamento, um meio mecanico de o exprimir, e a prova está em que o gesto a pode substituir na maioria dos casos.

Se não tivéssemos o pensamento, a razão, o poder de ligar a cada palavra uma idea definida, um sentido determinado, progrediriamos tanto como o papagaio que imita perfeitamente a voz humana, repelindo phrases inteiras. E os surdos-mudos, pelo facto de não possuírem o dom da palavra, não serão homens?

Só o homem pensa e é este o motivo porque só o homem falla.

«A linguagem só é considerada como faculdade característica do homem, diz Ferré, quando é inseparavel da razão, da propriedade de pensar ordenada e systematicamente, a variedade em ordem á unidade, as partes em ordem ao todo, os meios em ordem ao fim.

Assim, a linguagem é a expressão do pensamento; o pensamento o conteúdo da linguagem, e linguagem e pensamento estão tão intimamente unidos, como unidas estão a forma e a essencia das coisas.

Por isso pensando fallamos e fallando pensamos; por isso não ha palavra sem pensamento nem pensamento sem palavra. Posto isto, poderemos negar ao ser que lavrou os silex de Thenay, (caso fossem talhados artificialmente) que concebia um fim e pensava os meios para o conseguir, dando forma adequada ás pedernceiras convertendo-as em instrumentos? E não é isto raciocinar, ou pensar racionalmente?

E se este homem raciocinava, não é evidente que não só possuia a faculdade da palavra, mas que de facto fallava mais ou menos imperfeitamente?»

Mas basta de razões para combater uma asserção puramente gratuita.

Pois, porque se descobriram uns silex lascados, sobre a origem dos quaes os sabios têm emittido opiniões tão encontradas, haverá alguém que tome a serio qualquer hypothese assente em tão fracos fundamentos?

Em um seculo *que não fosse tão positivista como o nosso*, estas hypotheses amontoadas umas sobre as outras seriam equiparadas aos contos de velhas que têm o excellente prestimo de adormecer creanças; hoje porém são sempre bem vindas, sendo logo recebidas como verdades inconcussas.

E talvez por conhecerem este fraco dos espiritos contemporaneos que alguns escriptores catholicos, para harmonisar a chronologia biblica com a existencia do homem terciario, não lhes repugna accitar a these dos preadmitos. Ainda ha bem pouco o Padre Monsabré dizia o seguinte do alto da cadeira de *Notre-Dame*:

«Ou os sabios reconhecerão que exageraram o valor dos seus chronometros, vendo-se obrigados a remoçar os seus terrenos, ou novas descobertas nos manifestarão um ser anthropomorfo que foi, na admiravel progressão do plano divino, o esboço e o precursor do homem, e ao qual deveremos attribuir os instrumentos da epocha terciaria.»

Eu apesar da minha insignificancia e do grande tributo de respeito e admiração que voto a tão eximio orador e distinctissimo escriptor, preferiria, como prestro, exigir provas claras, precisas e concludentes da existencia do homem terciario, a fazer concessões, que, seja dito de passagem, não encontram a fé, mas que tambem lhe não dão muito lustre.

(*Continúa*).

P.º F. SANCHES.

Secção Historica

Noticia succinta dos concilios da antiga e muito illustre egreja de Braga

I

As egrejas da vasta peninsula Hispanica occupam uma pagina brilhante na historia da egreja Catholica.

Fundadas em tempos coevos do nascimento do Christianismo e até mesmo muitas d'ellas pelos Apostolos S. Paulo e S. Thiago, como affirma a tradição; luctando por largos annos com os povos os mais selvagens e embrutecidos, em breve começaram a desempenhar um papel importante a ponto de conseguirem vencer esses mesmos povos, tornal-os doccis aos ensinamentos da nova religião, fazer que a abraçassem, se civilisassem e consolidassem enfim as suas nacionalidades por meio das leis por ella mesma promulgadas.

Tendo de combater herejes, que appareceram no meio de seus rebanhos, e de fixar certos pontos obscuros da fé e da disciplina, reuniram varios concilios, onde largamente foram discutidos uns e outros; e as resoluções, n'elles estabelecidas, mereceram mais tarde a acceitação d'outros concilios de maior importancia, e muitas d'ellas foram declaradas lois geraes da Egreja.

Homens eminentes pelo seu saber e virtude as governaram tão sabia e prudentemente, que poderam conseguir só pela palavra e pelo exemplo, o que os mais audases campeões não poderiam conseguir pela espada.

Entre todas as egrejas da vasta peninsula encontram-se duas mais importantes—as de Braga e Toledo;—as

quaes, desde tempo immemorial, se tornaram rivaes, e arrogaram o titulo de —*Primaz das Hespanhas*—(1).

N'ellas se celebrão maior numero de concilios, e os homens mais notaveis as dirigiram, assim como muitas outras egrejas, que lhe eram sufraganeas.

A lista d'esses concilios é assaz extensa. — Occupar-me-hei, porém, sómente n'este meu artigo dos concilios da egreja de Braga.

II

Em virtude das prolongadas guerras dos differentes povos barbaros, de que, por largos annos, foi theatro a peninsula Hispanica, muitas e variadas vicissitudes soffreram as suas egrejas, de modo que os seus limites ora eram ampliados, ora rostringidos, ora permaneciam sufraganeas, ora eram finalmente elevadas a metropolitanas e vice-versa.

A egreja de Braga, como era natural, não permaneceu indifferente a semelhantes alternativas, principalmente no tempo da dominação arabica (711); mas, quasi sempre, conservou a sua primazia.

Dosde 872 a 882 passou, porém, a ser sufraganea do Arcebispado de Oviedo, creado pelo papa João VIII; mas readquiriu novamente a sua primazia no pontificado do papa Urbano II.

Ao erguer-se o grito de guerra contra os sectarios do crescente em todos os confins da peninsula por outras phases passaram as suas egrejas.

A lucta foi profiada e duradoura.

Entre muitos vultos importantes, que n'ella tomaram parte, destaca-se o do valoroso Conde D. Henrique, o qual, como recompensa dos seus muitos e valiosos serviços, recebeu o Condado de Portugal, que, quasi todo, se encontrava em poder dos infieis.

Seu filho Afonso, seguindo as suas pizadas, traçou com a sua espada o circulo da nacionalidade portugueza, que tão glorioso papel devia mais tarde desempenhar na historia do mundo, venceu em mil recontros os seus numerosos inimigos, e consolidou essa nacionalidade nos campos d'Ourique.

A religião soccorreu o braço do forte; e este, reconhecido, agradeceu, dispensando-lhe a sua valiosa protecção.

(1) Qual das duas egrejas deva realmente considerar-se legitima possuidora de tão nobre prerogativa é questão, que os historiadores, não obstante o muito que se tem escripto pró e contra em varias epochas, não poderão ainda resolver satisfactoriamente; e por isso ambas as egrejas continuam a usar do titulo de—*Primaz das Hespanhas*—.

Veja-se —*Tractatus de primatu Bracharenis Ecclesiae in universa Hispania*— pelo Arcebispo de Braga—D. Rodrigo da Cunha.

Raiou então a aurora da liberdade para as egrejas da peninsula.

A de Braga ficou, em virtude dos limites do novo reino, pertencendo em parte ao de Hespanha; e eis porque, ao apresentar, ainda que succintamente, a historia dos concilios, que tiveram lugar n'esta egreja, eu occupar-me-hei, em primeiro lugar dos que foram celebrados antes da desmembração do reino de Hespanha, e em segundo lugar dos que foram celebrados depois da mesma desmembração.

Pelas investigações, a que procedi, consultando algumas obras de incontestavel valor (1),—parece-me poder formar a seguinte

Taboa chronologica dos concilios da antiga e muito illustre egreja de Braga

CONCILIOS NACIONAES

Antes da desmembração	Depois da desmembração
1.º em 411	2.º em 1261

CONCILIOS PROVINCIAES

Antes da desmembração	Depois da desmembração
1.º em 561	1.º em 1148
2.º » 572	2.º » 1379
3.º » 675	3.º » 1427
	4.º » 1566

CONCILIOS DIOCESANOS

1.º em 1214
2.º » 1286
3.º » 1424
4.º » 1537
5.º » 1583
6.º » 1639

RESUMO:

2 Concilios nacionaes — 7 provinciaes e 6 diocesanos.
Total—15 concilios.

(1) —*Monarchia Lusitana*, de Fr. Bernardo de Brito.—*Historia da Egreja Lusitana*—por D. Thomaz da Encarnação.—*Concilios de Hespanha*—por Aguirre.—*Diccionario dos Concilios*—por Pletier.—*Historia da Egreja em Portugal*—por Souza Amado.—*Historia Ecclesiastica Lusitana*—por Almeida e Souza.—*Diccionario Historico*—por Luiz Moreri.—*Collecção dos Concilios*—do

III

CONCILIOS NACIONAES

1.º em 411

Fr. Bernardo de Brito na sua monumental obra—*Monarchia Lusitana*—livro 6.º, cap. 2.º, e D. Thomaz da Encarnação na sua *Historia Ecclesiastica da Lusitana*—fazem menção d'um concilio, celebrado em Braga em 411, e consideram-n'o como o primeiro, que existiu em tal cidade.

Fr. Bernardo de Brito diz, que até ao seu tempo não tinham sido impressas as actas de tal concilio, e que no cartorio de Alcobaga se encontraram dois manuscriptos que as continham, os quaes, por ordem do Arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, foram trasladados a publica forma.

Alguns historiadores são de opinião, que tal concilio não existiu, porque os manuscriptos do cartorio de Alcobaga merecem pouco credito, visto estar hoje demonstrado, que alli foram forjados muitos documentos, que até ao presente eram considerados como genuinos.

Não reconheço a utilidade que haveria em forjar taes manuscriptos, no entretanto respeito a opinião de taes auctoridades; e, confessando ser questão difficil de resolver, passo a apresentar o que dizem a respeito de semelhante concilio os dois auctores citados por serem de melhor nota:

Foi reunido o concilio por Panchrácio, Arcebispo de Braga em 411, e a elle assistiram todos os bispos sufraganeos, e ainda muitos que se tinham refugiado na mesma cidade de Braga para escaparem ao furor dos Alanos, Suevos, Wandalos e outros povos barbaros, que, em toda a parte, onde chegavam, levavam a destruição, principalmente de tudo o que dizia respeito ao culto religioso.

No concilio tratou-se das medidas que se deviam adoptar para salvar as imagens e as reliquias dos santos.

Assentaram os bispos, em que cada um devia ir para a sua diocese, e tratar de occultar umas e outras em lugares seguros e tomar nota d'estes; mas antes de se apartarem, fizeram todos

Labbe e Mansi.—*Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*—por Fr. Luiz de Souza—tomo 2.º—*Encyclopedia Catholica*—de Gschler—art. Braga.—*Ensaio para a Historia do Direito Patrio*—por Coelho da Rocha.—*Constituições do Arcebispado de Braga*.—*Historia Geral da Hespanha*—por João Estevão—tomo 1.º—*Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*—por D. Jeronymo Coutador d'Argote.—*Compendios de Direito Ecclesiastico*—dos Drs. Mexia e Bernardino Carneiro.—*Ministro de Jesus Christo no Tribunal da Penitencia*—por Fr. Miguel d'Azevedo—tomo 1.º—cto., etc.

uma solemne profissão de fé por meio da qual condemnaram os erros dos Alanos, Suevos, Wandalos e outros que professavam a Heresia Ariana; juraram também cumprir, rigorosamente, com os seus deveres e até mesmo dar a vida pelas suas ovelhas, se necessario fosse.

Ponciano, bispo de Merida, apesar de ter já sido tomado pelos barbaros a sua cidade, resolveu também partir para o meio das suas ovelhas, e partilhar das suas desgraças, e até mesmo morrer por ellas, o que todos os outros bispos approvaram com summo enthusiasmo.

A profissão de fé, que foi lida pelo presidente, e accete por todos os bispos assistentes, demonstra, claramente, que a doutrina do nosso *symbolo* é a mesma que então se professava, não obstante serem passados quasi 15 seculos.

Foi formulada nos seguintes termos:

Creio em um só Deus verdadeiro, infinito, que de nenhum procede, o qual fez o ceo, e a terra, e todas as suas cousas visiveis, e invisiveis. Creio em um Verbo gerado pelo Pai antes dos tempos, Deus de Deus verdadeiro, da mesma substancia do Pai, sem o qual nada foi feito, e por quem todas as cousas foram creadas. Creio no Espirito Santo, que procede do Pai, e do Verbo, Unico na Divindade com elles, o qual fallou pela boca dos Prophetas, veio sobre os Apostolos, e encheu a Maria Mãe de Christo. Creio que n'esta Trindade não ha maior, nem menor, primeiro, nem ultimo; porem em tres distinctas Pessoas ha uma mesma Divindade. Creio que os Deuses dos Gentios são demonios. Creio que o nosso Deus Trino nas Pessoas, e um na essencia, do nada fez todas as cousas, e da terra creou o Adão nosso Pai, e da costella d'este a Eva; destruiu o mundo com aguas, deu a Moysés a Lei, e nos ultimos tempos nos visitou por seu filho, gerado de David, segundo a carne. Assim o creio, e condemno, excommungo, reprimo, anathematizo todos os que sentem, defendem, e persuadem o contrario.

(Continúa).

Braga—Novembro de 1881.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Secção Critica

COISAS! COISAS!

Não ha nada que possa contentar a Revolução! Em França erguera-se ella um dia, e pedira, apoz um sem numero de reformas e concessões, a cabeça do monarcha; e deu-se-lhe a cabeça do monarcha. Depois, de em meio das far-

das agaloadas do militarismo ergueu-se a cabeça e o genio de Napoleão 1, e a Revolução acolheu-o. Mais tarde a monarchia foi chamada de novo a presidir aos destinos da França, e foi em breve derribada de sobre o throno de S. Luiz para se seguirem outras e depois veio o reinado do despota imperial, que achou o pago de suas infamias ao descer os degraus do throno que usurpara.

Teem silo, depois, chamados todos os salvadores do povo, até que afinal foi chamado a presidir ao ministerio Mr. Gambetta o salvador da França e de outras muitas cousas, e a Revolução não está satisfeita ainda. E não o está porque nas ruas de Marselha, lia-se em todas as esquinas, não ha muito, proclamações revolucionarias, chamando, em grandes letras vermelhas, o povo á guerra civil, e terminando por estas palavras:—*Morte aos exploradores do povo. Eram assim assignadas: Comité executif revolutionaire.*

Quem' satisfará a Revolução?

Aquelle que tudo aniquilar, e não deixar em pé cousa alguma que recorde o passado.

O snr. D. Luiz 1 veio ao Porto, a Braga e mais não sei onde. Dizem as folhas que a entrada na cidade do avô foi imponentissima; cremol-o.

A camara municipal fez-lhe os cumprimentos do estylo, não sei mencionar os feitos heroicos dos heroes, que praticaram toda a casta de heroicidades, até ao heroismo de erguer um throno sobre as ruinas de um passado prenhe de grandeza e magestade.

O snr. D. Luiz, dignou-se responder ao senado da invicta o seguinte, que nós vamos, com licença de S. Magestade, commentar:

«A camara municipal do Porto sabe o apreço em que eu tenho os heroicos sacrificios aqui prestados á causa da liberdade, e o amor tradicional que aqui se consagra á monarchia, á independencia, ás instituições liberaes e á familia real, que em si as consubstancia, as ama e as guardará sempre como um deposito sagrado, transmittindo-o aos seus descendentes em solemne fideicomisso. (Se não havia de ter apreço aos heroicos sacrificios, pela causa da liberdade, da monarchia, o das instituições liberaes! Que milagre!)

Encontro a cada passo n'esta cidade heroica um monumento para a historia e uma recordação gloriosa e também saudosa para mim. (Para a historia das desgraças da Patria, devera accrescentar.)

Venho mostrar esses monumentos aos meus filhos, para que mais fundos se lhes gravem no coração e na memoria

feitos que tanto illustram o seu borço, e que incessantemente teem aprendido nas paginas da historia e nas tradições do paço real portuguez. (De certo S. M. se não esquecerá de dizer aos filhos, ao passar pelos magnificos edificios que eram dos frades:—Olhae, aqui acoitava-se a caridade christã e a sciencia, e meu avô, para satisfazer aos irm.ºs, chamou-lhes bens nacionaes, e os pobres frades foram chorar saudades do claustro e maldizer a memoria do homem que outros, por escarneo, chamaram libertador.) Elles serão dignos de presidir á continuação da grande obra iniciada aqui, por uma geração quasi extincta, mas cujos nomes ficarão para sempre aureolados na historia da emancipação dos povos. (Se os caros penhores não-de continuar a obra dos demolidores estamos bem servidos!)

Traz-me a esta cidade também o desejo de continuar no empenho de acudir á indigencia, que se revela nas sociedades sob multiplicados aspectos; menos em Portugal, mercê de Deus, que em muitos outros povos do mundo, menos na cidade do Porto do que em outras terras do paiz, graças aos incessantes esforços da caridade que se manifestam dia a dia em multiplicadas iniciativas individuaes, dignas do maior louvor. (Muito obrigado, senhor!)

Egualmente desejamos, eu e a rainha, minha augusta e muito amada esposa, ser agradaveis á real sociedade Humanitaria, que nos offereceu as suas medalhas de ouro, distincção a que damos o merecido apreço. (Bem humanitarios eram os frades, e mais S. M. ainda se não dignou fazer-lhe restituir o que era d'elles. Ha varias caridades.)

E quando tantas razões de consideração e de affecto nos não mercessos sempre esta cidade, um impulso voelmente nos chamaria a este ponto do reino; e a visita que o Porto nos faz tão festiva, fal-a-hiamos nós piedoza, pois que nos chamam aqui os dois corações, que não poderam morrer, dos nossos heroicos avós. Dois paladinos da liberdade, dois reis que arrojaram a purpura de cima dos hombros para pelejarem como soldados, quizeram, no fim da vida, reunir-se aqui, na terra das immaculadas tradições liberaes. Theatro de tantas glorias era o tumulo digno de taes benemeritos. (Um dos heroes sei eu que não arrojou a purpura de sobre os hombros para se fazer soldado; fez-se soldado, para alcançar a purpura. Historias, senhores!)

Seja a camara municipal interprete dos meus sentimentos e de toda a familia real, para com a heroica, invicta e sempre leal cidade do Porto.» (Amen.)

E mais o Snr. D. Luiz 1 conhece os tempos passados e os presentes. Sabe distinguir os serviços feitos em provei-

to proprio dos feitos em bem da humanidade. Isso sabe elle! Ora vejamos o que Sua Magestade disse ao premiar um pescador e um cabo chamado Simão:

«... acrescentou (S. M.) que ia dar-lhes tambem uma prova do alto apreço em que tinha os seus importantes serviços, pondo-lhes ao peito a cruz da Torre e Espada, que seu avô instituiria para premiar no Porto os que mais se distinguiram, expondo o peito ás balas em defeza da liberdade. Hoje, havia outros heroes; eram os que arriscavam a vida em defeza da humanidade, tornando-se por isso dignos d'aquella distincção, a que lhes davam direito o seu valor, lealdade e merito.»

Prova-se pelas palavras do Snr. D. Luiz, do actual rei de Portugal: 1.º que a liberdade, tal qual a entendia o *augusto* avô, não era a verdadeira liberdade, porque essa só assim se considera, quando é em proveito da humanidade; 2.º que entre os *heroes* que expozeram o peito ás balas em defeza da liberdade e os que arriscam a vida em defeza da humanidade, ha uma distancia como a que separa o céu da terra. Os da liberdade, trabalharam para si; os da humanidade, trabalham para os outros. Galardoar ambos os feitos com a mesma cruz, Snr. D. Luiz, não o achamos justo.

Diz o correspondente de Lisboa para a *Actualidade*, do Porto, que alguns alumnos do Collegio das Missões ultramarinas, foram sorteados para o serviço militar.

Não nos admira a noticia, desde que sabemos, que os soldados expõem os peitos ás balas em defeza da liberdade e os missionarios, que se educam no real collegio das missões ultramarinas, expõem o peito, nas terras d'além-mar, em defeza da humanidade. E que importa a humanidade, aos senhores da liberdade?

Acaba de publicar-se um livro em 2.ª edição que por mais de um titulo se torna altamente notavel. E' escripto pelo snr. Thomaz Ribeiro, hoje ministro do reino, se me não engano, e é abrilhantado por uma carta que o autor dirigira ao snr. Camillo Castello Branco, e por outra d'este. Quem não tenha feito ainda um juizo seguro d'estas duas notabilidades da litteratura portugueza, pode fazel-a lendo as duas cartas. Vê-se que ambos são de um atheismo sem limites.

O snr. Thomaz Ribeiro, ministro do reino n'um reino catholico exalta o irmão apostata, porque elle deixára o breviarium pelo amor d'uma mulher, e

não deixa elle a pasta ministerial pelo turbante dos filhos de Mafoma, para não ser tambem hypocrita como seria o irmão se continuasse no sacerdocio sem vocação, quando é certo que um ministro de Portugal deve ser catholico, e não o sendo é hypocrita porque se diz o que não é. Mas a pasta rende mais que o breviarium, e não é tão facil deixal-a...

Mas devera deixal-a. Quem expende publicamente taes idéas não devera querer ser ministro d'um rei catholico. e que tom na lei do Estado consignado, que a Religião Catholica ficará sendo a do Estado.

Pomos ponto; porque o assumpto, que nos forneceria campo para longas considerações, revela tanta baixeza da parte dos signatarios das duas cartas, que nem devemos occupar-nos mais d'elle. E dizemos baixeza porque não tom outro nome o elevar a apostasia d'um padre catholico á altura de uma virtude, e muito principalmente quando o apostata teve em mira, ao fugir da Egreja, enlodar-se na lama impura da mais torpe das calamidades:—a amancebia.

Nem dizemos o nome do livro porque não queremos que se leiam escriptos a trasbordar de cynico atheismo.

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Litteraria

O S. JOÃO NO MAR

No mar alto! Noite escura!
Já tudo no barco dorme!
Comigo o gigante enorme
Vela só, e a viração!
E n'estes sons, que murmura,
Como da patria distante
Vem trazer-me a cada instante
A saudade ao coração!

Oh! saudade pungidora
D'esta noite, lá, de encantos,
De mil fogueiras, mil cantos,
Ao S. João festival!

Tudo anda folgando agora,
Tudo salta e ri contente,
E eu cá vou triste sómente
Longe do meu Portugal!

Ouço apenas os gemidos
Das vergas de encontro ao mastro,
Vejo a escuma que no rastro
Do barco, fica a alvejar;
Nada mais fere os sentidos;
Debalde c'o olhar incerto
Busco mais, n'este deserto,
Nas solidões d'este mar!

E dizem que os naufragados
Mestres, sem ter sepultura,
Vem plangentes como ternura
Por sepultura gemer;
Não ouço seus tristes brados,
Que, n'esta melancolia,
Talvez lhe achasse harmonia,
Talvez lhe achasse prazer.

N'um mastro tambem ou verga,
Sant'elmo, dizem, que inflama
D'azulada luz a chama
Com que listra a escuridão;
Luz nenhuma a vista enxerga,
E que luz de encanto fôra,
Se allumiasse ella agora
O meu triste S. João!

Mudez e trevas!... E em terra,
Na formosa terra minha,
Que n'esta ausencia mesquinha
Não logro, que mar de luz!
Que risos, por prado e serra!
Que vozes! Que alegres flores!
Quanta ventura! Que amores
De tudo brotando a flux!...

As fogueiras crepitantes,
Onde a alcaxofra se cresta,
Tem, n'esta noite de festa,
Abençoado calor:
Fazem olhos mais brilhantes;
E, crestada na fogueira,
A alcaxofra feiiceira
Diz-nos segredos d'amor.

E cêrca a fogueira a dança;
Cerca-a o canto innocente;
Se eu podesse de repente
Vêr-me lá... desejo vão,
Em que minha alma se cança!
Porque tenho só com maguas,
Por estes ermos das aguas,
O meu triste S. João!

Aqui, só dança o navio
Na procella ao som do vento;
Lá, o sonoro instrumento
Faz toda aldeia dançar!...
Dançai, pois, que eu vos envio
Saudades mil n'este beijo...
Quem fôra atraz do desejo
Com estas ondas do mar!...

Ai! se lá, entre essa festa,
No voltear d'essa dança,
Haverá sequer lembrança
Do navegantel... meu Deus,
Deixai-me crêr que inda resta
Ao pobre nauta, em seu fado,
Um suspiro maguado,
Que o siga por longes ceus!

Mas se no accêso folguedo,
No remoinhar d'esses pares,
As lembranças são pesares

E não se lembra ninguém;
Se anda ahí tudo vivo e ledo,
E o ausente é quasi um morto...
Decem-me, ao menos, o conforto
Das preces, que os mortos tem.

Na minha immensa tristeza,
Que ninguém, ninguém consola,
Decem-me sequer essa esmola,
A esmola d'uma oração;
Pode ser que, na rudeza
D'este mar sombrio, escuro,
Me seja, então, menos duro
O meu triste S. João.

(*Dos meus papeis velhos.*)

J. DE LEMOS.

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

(*Continuação*)

CAPITULO VIII

Victor empenhou-se o mais que pôde para consolar a pobre Paula, e alcançou infundir-lhe resignação e valor, contribuindo ella da sua parte, porque se julgava obrigada a ser agradecida.

Uma vez, que o amo a interrogou sobre o seu passado, Paula contou-lhe, que seu pae, ao rebentar una guerra, se retirou com a familia para um monte, e que depois, deixando-a alli, avançou com outros guerreiros para combater contra os romanos.

—Venceram-nos, acrescentou com manifesta tristeza; apossaram-se do paiz, prenderam-nos, incendiaram nossas casas e trouxeram-nos captivos por diversas regiões até chegar a Roma. Meu pae foi morto pelos inimigos; minha mãe mal a conheci: era ainda muito creança, quando ella morreu.

Victor, que tinha escutado com interesse a narração da joven escrava, percebeu e inferiu sómente, que esta pertencia a uma familia illustre da Gran Bretanha, e nada mais, pois a escrava não quiz dizer-lhe tudo: mas como pelas veias do patricio girava sangue britannico, felicitava-se pelo bem que tinha feito, e pela affabilidade com que havia tratado Paula. Não deixou até lhe lembrar se ella seria filha d'al-gum successor de Karaktaco, rei dos Silures, e se, por consequencia, estaria ou não unido a ella pelos estreitos la-

ços do parentesco; mas nunca lhe foi possível averigual-o.

Já lá vão quatro annos depois da compra de Paula no mercado de Roma; e já também decorreram alguns mezes depois que n'ella se realisou o maior e mais extraordinario acontecimento de sua vida: Paula é christã. Em consequencia de um complexo de circumstancias providenciaes, relacionou-se com outras escravas, cuja meiga physionomia e benevolo trato lhe haviam captivado o coração. A estas primeiras relações succederam algumas confidencias; e alfin, instruida nos dogmas da religião christã, sollicitou e recebeu o Baptismo, merecendo em breve sua fervorosa piedade a admiração dos outros fiéis.

Victor, a cujo espirito observador não se pôde por muito tempo occultar a rapida transformação de Paula, vendo-a cada vez mais modesta, meiga e pacifica; notando-lhe até uma resignação inalteravel e uma constante alegria, impossivel de explicar-se, começou de observar sua conducta e seus passos, e pôde afinal convencer-se, de que sua escrava tinha pelo menos intimas relações com os christãos.

Não lh'o levou a mal; mas picou-o a curiosidade de saber a verdade da propria bocca de Paula.

Esta toda candura e bondade confessou ingenuamente que na verdade era christã. Victor agradeceu esta declaração; não pôde, porém, deixar de receber. Sabia que o barbaro Domiciano, empenhando-se em perseguir e acabar com os christãos, os mandava procurar com diabolica astucia e selvagem actividade.

—Acautela-te, Paula, lhe disse; em quanto a mim, não temas: concedo-te plena liberdade de seguirem a tua religião; mas sê prudente, que tens inimigos tão habeis e poderosos como crueis.

Paula não tremeu nem se amedrontou, antes com meigo e angelical sorriso disse a seu amo:

—Que felicidade a minha se tivesse a dita de morrer por o meu Deus!

Com estes ameadados toques ia a graça divina solicitando e ganhando gradualmente o coração de Victor. Era quasi sempre ella que fazia com que elle tratasse o tivesse occasião de fallar com os christãos, a fim de que podesse conhecê-los e amal-os.

Felizmente, sua rectidão não permitia perplexidades nem luctas contra o impulso divino. E' por isso mesmo que já o temos visto por diversas vezes pôr-se em campo a favor dos christãos.

Poucas horas ha também, que conversando Pontifice, que não conhecia, mas cuja hospitalidade havia tido ensejo de experimentar durante a tormenta.

CAPITULO IX

Domiciano

Retrocedamos agora áquelle momento, em que Victor, acalmada a tormenta, se pôz a caminho da sua villa. Seus familiares, que o esperavam anciosos, sentiram immenso prazer, quando o viram chegar. Paula, sobretudo, não sabia como felicitá-lo. Victor entrou nos seus aposentos particulares, e a joven escrava, applicando-se de novo ao trabalho de dispôr os emmaranhados ramos dos aromaticos arbustos, que cresciam e medravam em volta d'um pequeno tanque de marmore, nos quaes o embate da tormenta havia causado immenso danno, com melodioso e alegre rhythmico, que a todos maravilhou, cantava no seu patrio dialecto, que nenhum d'elles conhecia, umas canções mysteriosas, que costumavam terminar sempre com o seguinte estribilho:

Feliz do ventre,
Que t'encobriu;
Feliz do peito,
Que te nutriu.

—Tu que cantas, Paula? lhe perguntou Victor, que vinha examinar os estragos, que nos jardins a ventania havia feito.

Um cantico d'acção de graças ao Senhor, nosso Deus, por te haver preservado do raio.

—E tu, por ventura, acreditas que o teu Deus tenha poder para dirigir o raio a seu arbitrio, e livrar d'elle a quem assim lhe apraz?

—Oh! eu acredito! Elle é o auctor de tudo o que existe, é o Senhor dos elementos, impéra no céu e na terra, dirige o curso do sol, ordena o movimento dos astros, a tempestade. Lhe obedece, o raio se detém para receber Suas ordens e as estrellas tremem em Sua presença.

—Fallas que nem un philosopho, Paula, disse Victor, a quem surpreendeu a resposta da escrava, e muito mais ainda o chiste e a energia com que a deu.

—Oh! com certeza, meu senhor e meu amo, com certeza! E a prova é que os vossos philosophos nem podem fallar com acerto a respeito de Deus, nem o conhecem. Não assim os christãos, pois até as creancinhas e os pobresinhos escravos sabem muito mais que elles.

—E' possível, disse Victor, comprehendendo todo o alcance d'esta resposta e impressionado por ella. Agora, pode e impellido por ella. Agora, poderá, o que pretendo é referir-te um caso, que te interessa, acrescentou depois de alguns instantes de silencio. Ao ausentar-me da villa do meu amigo Au-

reliano, tive de refugiar-me, para escapar á trovoadá que estava imminente, na primeira casinha que pude encontrar. Habitava-a um bom velho, que com a mais singular amabilidade me hospedou e aos meus conductores.

Paula prestava ouvidos cada vez mais attentos ás palavras do seu amo.

Victor continuou:

—Pois bem: este velho é um christão.

—Senhor, quem vol-o disse?

—Eu mesmo logo o adivinhei, pois descobri lá n'um recanto da sua venda uma imagem do Crucificado.

—Ai! E veriam-na os escravos? perguntou Paula toda assustada.

—Não; estava muito escondida; só eu a vi. Tranquillisa-te, Paula; guardo segredo, ninguém o saberá.

—Oh! obrigada, nobre patricio, obrigada! exclamou a joven toda marejada de lagrimas.

—É além d'isso, o que me hospedou, que me disse chamar-se Clemente, e a quem eu já havia revelado o que sentia a respeito da sua religião, não negou ser christão. E disse-me isto com uma franqueza e magnanimidade, que na verdade me commoveu. Mas, cousa singular! desconfio que Clemente me conhece desde a minha infancia; deixou escapar inadvertidamente algumas palavras, que me determinaram a pensar assim. Espero ancioso o dia em que possa saber a que factos elle quiz referir-se; porque desejo vê-lo ainda outra vez e fallar mui detidamente com elle.

—Oh! sim, meu bom senhor! Adquirireis até vastos conhecimentos fallando com esse ancião.

—Entretanto, Paula, em signal de gratidão, desejava enviar-lhe um presente, que correspondesse á minha pessoa e á sua bondade. Que lhe offereceria? Uma christã deve saber o que mais convirá a um sacerdote dos christãos; pois te affianço, sem receio de enganar-me, que elle é sacerdote. Pensa n'isto e dá-me resposta: deixo á tua discricião, e a tua deliberação será a minha.

—Minha deliberação já está tomada, senhor, apressou-se a responder a escrava, trasbordando d'alegria. É um calice d'ouro, que já por varias vezes tenho tido suminos desejos de que servisse para uso do nosso altar.

—Tens razão, Paula: estou conformo. A'manhã, cedinho, levarás a Clemente o calice d'ouro, objecto outr'ora de teus desejos e agora da tua escolha. Podes ficar certa e certificar-lhe, que sinto immenso prazer em offerecer-lhe este precioso objecto, que é destinado aos altares do vosso Deus.

—Que! Então na verdade condescendes? E em honra de um Deus a quem não conheces?

—Os athenienses erigiram um altar ao Deus ignoto; eu tambem posso offerecer-lhe um calice d'ouro.

—A este Deus ignoto, — exclamou Paula, to-la debulhala em lagrimas, recordando-se só de que era christã e com um tom mui pouco proprio d'uma escrava; — a este Deus ignoto ainda un dia com certeza o virás a conhecer, ó meu nobre e generoso amo! Crê na tua pobre escrava: espero qua ainda te hei de contar no numero dos christãos.

Victor recuou estupefacto.

—Christão! eu! Isso é aventurar muito, Paula. Ignoras que o nome de christão é um stigma de ignominia? Não sabes que os christãos são destinados ao supplicio?

—E que importa, se essa ignominia leva á gloria? Que importa, se esse supplicio é um penhor da eterna felicidade? Victor, tu és bom, e Deus ha de proteger-te. Não podes ser pagão; és melhor que teus deuses...

Victor ficou silencioso, e na sua frente deu bem a conhecer, que se havia entregado a um meditar profundo.

—Eu já vos ouvi dizer uma vez, continuou Paula, que vossos deuses não existiam senão na mente dos poetas, e que é ridiculo e immoral o culto que se lhes presta.

—Eu disse isso alguma vez, Paula? Diria; mas que se infere d'ahi?

—Que o verdadeiro Deus, o Deus vivo, justo o bom, é o Deus dos christãos. Elle era antes de todas as cousas, Elle é quem tirou do nada tudo quanto existe, Sua providencia é a que rege o mundo. Este é o Deus, que desceu do céu o se fez homem para purificar e redimir a humanidade. Morreu n'uma cruz; mas triumphou do sepulchro e reina eternamente na gloria, derramando d'alli sobre nós Seus beneficios. Elle anima o fraco, consola o afflicto e ampara o pobre. Elle é, enfim, nosso Paee como tal, depois d'esta vida, abrirá de par em par a seus filhos a porta da eterna felicidade.

—Paula, tudo o que acabas de dizer é admiravel. Entre essas doutrinas e as pagãs encontro a differença que medeia entre a luz e as trevas. Sinto em minha alma uma voz que me diz, que essa é a verdade: sinto em meu coração uma força sobrenatural, que me impelle a seguir-a... Retira-te, acrescentou Victor todo concentrado n'uma dulcissima tristeza; vai levar a Clemente o presente que escolheste, mas sê prudente; peço-te até em nome de Deus que o sejas.

—Mas poderei dizer, que sois vós que lhe enviaes o presente? perguntou timidamente Paula.

—Faz como entenderes... Mas espora... acrescentou, quando a escrava se dispunha a retirar-se.—Paula, será talvez imprudencia aventurares-te a vi-

sitar o sacerdote a estas horas. Ao anoitecer ser-te-ha mais facil ir, sem te conhecerem, pelos caminhos escusos que tu sabes. Porque... escusado é dizer-to, não se cura só de salvar a tua vida, mas a minha tambem. Uma escrava de Victor, surprehendida no acto de levar a um sacerdote christão um calice d'ouro... bastava só isto a Domiciano para servir-lhe de materia a uma accusação capital... e estou na firme persuasão, que Paula, embora esteja muito disposta a morrer, não quererá que seu amo seja arrastado comigo ao mesmo cadafalso: não é verdade?

—Espero em Jesus, que não me descobrirão ao levar este objecto, destinado a usos tão santos; mas pelo Seu nome bendito te juro, que se me surprehenderem, nunca chegarão a saber de quem é o calice.

(Continúa).

Secção Bibliographica

I

Ainda é acerca do livro *Dia a Dia* do Padre Senna Freitas, o seguinte artigo, que transcrevemos do *Commercio do Minho*:

«Temos presente o livro *Dia a Dia d'um espirito christão*, pelo sr. padre Senna Freitas, editado pelo sr. Teixeira de Freitas, proprietario da *Livraria internacional* em Guimarães, o zeloso propagador de excellentes obras religiosas.

É um rico volume de 224 paginas que contém aphorismos e reflexões philosophicas sobre a religião, a moral, a sciencia, a litteratura, a politica, etc.

O illustrado auctor d'este livro, bem conhecido pela publicação de muitos e estimados trabalhos litterarios e religiosos, não tracta d'um assumpto novo no seu genero, nem mesmo quanto á forma, como elle proprio declara no *prologo*: «Felizmente, diz elle, o auctor não se vê só em campo na sua tentativa; limita-se a occupar o seu numero d'ordem ao lado dos operarios que o precederam.»

Comtudo muitos dos seus pensamentos se revestem de certo caracter de novidade que os torna muito interessantes, sendo fructo d'uma profunda meditação e estudo.

O leitor, antes de percorrer os 365 aphorismos que formam o circulo do annuario intimo do sr. padre Senna Freitas, deve tomar conhecimento da seguinte advertencia do *prologo*:

«O que tomar o compasso mathematico para medir a exactidão dos pensa-

mentos que lhe offereço, encontrará, admitto-o, que... não são mathematicos. Mas, como muito bem disse Sauvage, do mesmo modo que não ha linha perfeitamente recta, muito menos haverá um aphorismo absolutamente verdadeiro. A sua propria fórma conceituosa, decotando amplificações explicativas, a isso se oppõe. Basta que o bom senso do leitor as suppra, e considere a verdade d'esses conceitos do ponto de vista em que o auctor se collocou.»

E sob esta consideração justissima que deve ser compulsado o *Dia a Dia* do snr. padre Senna Freitas: é um livro agradável, de bellissimos conceitos, muito util e vantajoso a todos.

Agradecemos ao snr. Teixeira de Freitas o exemplar que tão generosamente nos offereceu.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

(*Commercio do Minho*, de Braga, 4 d'agosto de 1881).

11

O Novo Testamento de Jesus Christo

Traduzido em portuguez segundo a vulgata latina por D. Fr. Joaquim de Nossa Senhora da Nazareth.

Entre todos os livros ha um que é o Livro por excellencia,—o que contém a palavra de Deus—livro divinamente inspirado para nosso proveito. A parte d'esse livro que mais directamente importa aos catholicos é sem duvida o Novo Testamento. Pois hein, o Novo Testamento devidamente auctorizado e com as competentes notas, segundo as sabias determinações da Egreja foi publicado entre nós ha poucos annos pelo benemerito sr. José Franco de Sousa; e consta-nos que por emquanto não ha tido a extracção que era para desejar; certamente por ser ainda pouco conhecido, bem como as qualidades especiaes que o tornam recommendavel.

Saiba-se pois que a este livro tão necessario não diremos só a todo christão dedicado á piedade, mas a todo o homem estudioso, nada falta que o torne digno de apreço—a exactidão, tanto no texto como nas notas, approvadas pela Santa Sé e pelo Ordinario (o sr. Patriarcha de Lisboa, ouvido o parecer dos examinadores, lentes do Seminario de Santarem; a nitidez de impressão, que sahio qual se devia esperar da nossa *Imprensa Nacional*, a quem foi confiada; a barateza do preço, dando-se um bello volume encadernado por 500 réis; o fim do lucro, havendo-o, que é uma obra pia, não tirando o editor para si nem um ceutil.

Tem de mais a particularidade que as palavras de N. Senhor Jesus Christo referidas pelo Evangelista são todas distinctas em caracteres diferentes, de sorte que quem quizer ler os preceitos e os conselhos do divino Redemptor, o pode fazer em meia hora percorrendo os Evangelhos, etc.

Além d'isso contém este livro precioso, por ordem alphabetica, umas citações referentes aos pontos de dogma e do culto em que ha divergencia entre nós os catholicos e nossos irmãos extraviados os protestantes,—citações que podem ser mui uteis sobretudo nos tempos actuaes em que o protestantismo, abandonado em grande parte nos proprios paizes que lhe deram o berço, está fazendo esforços desesperados para implantar suas tendas e defender seus erros no meio de Portugal «Fidelissimo.»

Enfim, lembremo-nos de que nem só do pão vive o homem, mas de toda a palavra que sae da bocca de Deus. Se não ouvirmos ou lermos esta palavra que se contém na Sagrada Escriptura, como viveremos? Por outra parte, é sabido que sobre tudo nos Evangelhos, como em sua fonte, está toda a doutrina christã, os Mandamentos do nosso bom Deus, a vontade expressa do que Elle quer de nós. Ora se o amamos devemos cumprir a sua divina vontade, e para a cumprir é mister conhecê-la. Enfim não é nosso proposito fazer agora um discurso parenetico sobre as Escripturas. As breves considerações que apontamos ao espirito atilado dos nossos leitores são de sobra para induzir os que estiverem no caso a procurarem adquirir o *Novo Testamento* e a fazerem d'elle propaganda. Achase á venda em todos os livreiros do Reino e lhas. Quem quizer adquirir o directamente pode fazel-o remettendo 500 réis (mesmo em sellos de cartas) ao editor, sr. José Franco de Sousa, rua do Arco do Bandeira, 30, Lisboa. Tomando-se porção, faz-se abatimento de 20 por 100.

Gostosamente nos promptificamos a transmitir ao sr. Franco qualquer comunicação a este respeito, assim como a respeito da excellente revista religiosa o *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* de que elle é o digno Administrador. Não fazemos mais do que pagar uma divida de gratidão, imitando-o no que tem feito e está fazendo a respeito do *Progresso Catholico*.

A. DE GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena

Vae Guimarães despertando do sono em que jazera por tantos annos, voltando toda a sua attenção para a instrução publica. Mil parabens a Gui-

marães, e a todos que concorrem para regenerar, por meio da instrução, esta terra que é nossa.

Installou-se no dia 20 de novembro passado a Sociedade d'instrução Martins Sarmiento, promotora da instrução publica no concelho de Guimarães. Folgamos em dar esta noticia por ser esta sociedade de alta importancia para Guimarães, e não só por isso, mas por ser um monumento erguido a um dos filhos d'esta terra. Bem merece o snr. dr. Martins Sarmiento que o seu nome seja o de uma tão patriótica instituição, e mil parabens merecem os iniciadores por darem assim um publico testemunho do quanto apreciam os altos dotes do nosso illustre conterraneo.

O *Progresso Catholico*, que, como do seu titulo se depreheende, não tem outro fim que instruir e exaltar os que mais distinctos se tornam na sociedade, approva uma tal associação, e, fazendo votos pela sua prosperidade, envia aos signatarios dos estatutos mil parabens.

Reviveram este anno os folguedos do S. Nicolau n'esta cidade, signal de que a vida escolar se vae sentindo de novo entre a mocidade vimaranense.

Gostamos de ver levantar do esquecimento esta antiga usança, e bem desejamos que muitas *antiquilhas* proprias d'esta terra se não deixassem de todo morrer.

O S. Nicolau, ao resurgir, se não se apresentou trajando as gallas com que se revestia nas passadas éras, deu ainda assim mostras do que fôra, e do que virá a ser se o collegio ha pouco aberto aqui se conservar e se fructificarem os desejos da benemerita sociedade de que em principio fallamos.

Gambetta preside a um ministerio digno d'elle em tudo. O que mais salientemente se destaca de entre todos os ministros é Paulo Bert, ministro de instrução publica e dos cultos, por sua franca declaração de guerra á religião, ao clero e a todos os catholicos.

E' livre-pensador, materialista, atheu, e franc-maçõ. Nada lhe falta para ser um homem grande!

São estes os homens que em todos os paizes da Europa são chamados para governar os povos em nome do liberalismo e do racionalismo. Quem fizer publica manifestação de atheu tem amplo caminho para as cadeiras ministeriaes, não lhe faltando thuribularios que lhe queimem incenso noite e dia! Assim tem acontecido tambem n'este nos-

so Portugal, razão porque tudo se perde pelas mãos da irin.

Na Allemanha, foi satisfatorio a mais não poder ser, o resultado das eleições. Os mais illustres catholicos, que formavam o partido do centro e que com tanto valor combateram em prol da Egreja, foram reelitos; o que prova muito a favor das boas esperanças que ha de que a Allemanha entre em breve no bom caminho. E se dermos credito ao que diz *La Germania*, o centro catholico é hoje quem domina no imperio allemão, não sendo para admirar se virmos os defensores do Papa, ditar as leis ao snr. de Bismark. A *Unitá Catholica* acrescenta, que as cousas tem chegado a tal estado na Allemanha, que Bismark pensa em confiar ao partido catholico o governo do imperio.

No *Boletim do governo ecclesiastico dos Açores*, que acabamos de receber, encontramos a seguinte notavel Provisão, que não podemos deixar de transcrever, para mostrar o quanto S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Snr. Bispo de Angra, se empenha em facilitar o caminho que conduz ao sacerdocio, hoje quando tanto se vae sentindo a falta de ministros da religião catholica. E tanto se vae sentindo esta falta, que, em Guimarães, está vaga uma capellania ha mais de 3 mezes, por não haver um ecclesiastico que tome conta d'ella, apczar de ser a esmola diaria de 440 réis, sem outra obrigação mais que a missa.

Eis a Provisão a que nos referimos:

A todas as pessoas a quem o conhecimento d'esta chegar—Saude, Paz e Graça.

Convindo facilitar quanto possivel as ordenações; visto que uma das primeiras necessidaes religiosas dos tempos presentes é a falta do clero indispensavel para serem providas de parochos as freguezias e suas capellas suffraganeas; e acontecendo que em regra só demandam o estado ecclesiastico mancebos destituídos de bens temporaes, dos quaes muitos tem de ser sustentados gratuitamente pelo Seminario diocesano; e que a todos são mui onerosas as graves despesas da Camara ecclesiastica, pesadas contribuições para o Estado de licença e sellos, de modo que os ordinandos se vêem em grandes difficuldades; tendo em regra de contrahir importantes dividas para podorem concluir sua ordenação.

Considerando que estas difficuldades e despezas accrescem sumnamente

quando os ordinandos se vêem obrigados a ir receber ordens fóra da Diocese, por causa das viagens e despezas annexas; e que portanto é cousa irrazoavel aggravar taes difficuldades com emolumentos extraordinarios. E que finalmente o Concilio Tridentino na ses. 21, cap. 1.º *De reformatione*, ordena terminantemente que os Bispos, outros ordenantes ou seus ministros nada absolutamente recebam pela collação d'ordens e concessão de letras dimissorias, ou testemunhaveis; permittindo apenas que o escrivão da camara ecclesiastica receba um pequeno salario por escrever as cartas d'ordens, ou dimissorias para recepção d'ellas; invocando o Espirito Santo, Determinamos que a taes respectos se observe em esta nossa Diocese, d'aqui em diante, o seguinte:

Artigo 1.º O Prelado nada receberá a titulo de conferir ordens, ou de passar letras dimissorias para as mesmas, nem de assignatura, chancellaria, ou sello das cartas d'ordens, ou das dimissorias.

Art. 2.º Nas diligencias de *genere*, patrimonio, ou de *mortibus*, os emolumentos para os juizes d'estas diligencias ficam reduzidos aos seguintes:

De assignatura da comissão, requisitoria ou edital.....	100 reis
De rubrica de qualquer mandado.....	50 »
De inquerito de cada testemunha.....	100 »
De deferir juramente de <i>non alienado</i> , de obediência, a louvados, ou qualquer outro.....	100 »
De cada sentença.....	200 »
De assignatura de sentença extrahida dos autos.....	100 »

Art. 3.º Os salarios do escrivão da camara nas diligencias das ordenações terão as seguintes alterações:

Fica eliminado o salario de abertura, remessa e caminho.

O salario por cada carta d'ordens, em latim, passando-se uma só por prima tonsura e quatro grãos das menores, fica reduzido a..... 400 reis

O de dimissoria para receber todas, ou algumas ordens a..... 400 »

Art. 4.º Em tudo o mais continua em vigor a Tabella dos emolumentos e salarios da nossa Camara organizada pelos nossos antecessores e ultimamente confirmada por D. Fr. Estevão de Jesus Maria, de boa memoria, em 13 de outubro de 1855, em quanto não fór legitimamente alterada.

E para que assim se cumpra, se juntará esta Provisão á dita Tabella em

vigor e se dará d'ella uma copia autentica ao Contador do juizo ecclesiastico; sendo publicada no Boletim do Governo Ecclesiastico da Diocese.

Dada em este nosso Paço Episcopal de Angra do Heroismo, sob nosso signal e sello, aos 22 de outubro de 1881. E eu José Maria Sodré, escrivão da Camara Ecclesiastica, a subscrevi.

Logar do sello.

João Maria, Bispo d'Angra.

Na sua visita ao Porto condecorou e gratificou S. M. um pescador da Povoia de Varzim. Achamos justo que o cidadão que preside a um povo, desça do estrado onde se ergueu o throno para galardoar o merito; mas deveria S. M. para mais agradecer os serviços prestados pelo pescador Maio, lembrar-se da pobre classe dos pescadores da Povoia de Varzim, *implorando* dos poderes publicos que diminuam um pouco o rigor do fisco, que pesa horivelmente sobre aquella gente tão trabalhadora e tão pobre. Por muitas vezes nos temos achado na Povoia, n'aquella formosa praia e onde tão agradaveis dias havemos passado, e de que temos saudades, e n'essas occasiões pudemos observar o que é a desgraça d'um povo.

Chega muitas vezes o barco, anciosamente esperado pela esposa do pescador e pelos filhos, e não traz o bastante para o sustento das familias dos tripulantes até que o mar consinta outra sahida. Não obstante, os agentes do fisco tiram d'esse nada o que a lei lhes faculta, uns poucos tostões, e lá vão dezenas de creancinhas viver alguns dias da escaça pesca, cerceada ainda pela calamidade fiscal. Já que os poderes publicos não *tem tempo* de ver a miseria do povo, devera S. M. informar-se, pelo pescador Maio, do estado dos seus compatriotas e suavisar-l'ho quanto possivel. Deve ser este o officio dos reis.

A Curia romana acaba de perder um dos seus importantissimos membros.

Falleceu o cardeal Jacob dei Conti Gallo, patriarcha de Constantinopla e vice-camarlengo do Sacro Collegio Romano.

Foi verdadeiramente uma grande perda a d'este illustre prelado, que contava 74 annos e pouco mais de 9 mezes de idade porque nasceu, em Osimo, a 13 de março de 1807, tendo sido preconisado a 15 de julho de 1878.

Uma folha de Madrid publica o seguinte telegramma de Paris, datado do 28 do passado:

«O conselho geral do departamento do Sena, na sua sessão d'esta tarde, discutiu e approvou a proposta em virtude da qual ficam supprimidos os capellães-professores de doutrina christã nas escolas primarias.

Por outra deliberação fica abolida a subvenção que se dava á associação de congreganistas para a sustentação de suas escolas.

Toda a instrucção primaria fica completamente secularizada no departamento do Sena.

Os conselheiros clericos protestaram ruidosamente contra similhantes deliberações depois da votação.»

Quer dizer, que fica abolida a religião catholica no departamento do Sena, e em seu lugar ensinar-se-ha a levantar barricadas, a fusilar arcebispos, a incendiar palacios e monumentos, e a acclamar o snr. Gambetta.

Viva a republica!

Fizeram-se ha dias em Lisboa experiencias dos novos revolvers que foram distribuidos aos officiaes do nosso exercito.

Um dos ditos foi experimentado nas costas d'um capitão de infantaria que já foi sepultado com as honras devidas. O alferes que tomou por alvo o costado do capitão foi preso.

Caminham os bons costumes.

J. DE FREITAS.

Comprimntamos o nosso collega do «Conimbricense» o snr. Joaquim Martins de Carvalho pelo seu 39.º anniversario, e pelo 55.º do seu excelente periodico.

BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE

VIII

Na primeira pagina da nossa folha damos hoje publicidade a duas cartas, recebidas pela Commissão, dos Ex.^{mos} e R.^{mas} Snrs. Governador do Bispado de Castello Branco e Arcebispo Primaz, em resposta á carta que a mesma Commissão lhes dirigira, e no n.º seguinte publicaremos a de S. Ex.^a R.^{ma} o Snr. Arcebispo de Goa, e successivamente todas as que se forem recebendo, seguindo a ordem das datas.

Damos tambem aos leitores a agradavel noticia de que principiamos os trabalhos para a estrada que dará amplo caminho para o sitio do monumento, e que os terrenos para a mesma foram generosamente dados pelos seus proprietarios, a quem cabem os maiores louvores.

Adhesões ao protesto da commissão

Dos estudantes tonsurados de Guimarães

De sobre as penhas gigantes que coroam a serra de Santa Catharina, erguera-se um brado energico, sublime, prenhe de grandeza e magestade, que, fazendo ecco em todos os ambitos do reino fidelissimo, foi como que um grito, soltado por milhares de boccas, de—Viva o Papado, Viva a Egreja, sendo ao mesmo tempo o mais forte protesto de um povo contra as baixezas, contra a estúpida, feroz e selvatica demagogia, que se levanta em ondas por toda a Europa e vae, desesperada, quebrar-se de encontro á Cruz, cravada ha dezoito seculos na proa da Barca de Pedro.

E se o grito levantado na Penha, pela Commissão promotora do Monumento a Pio IX, o Grande, achou ecco em todos os peitos portuguezes, nós, jovens tonsurados, filhos d'esta terra vimaranesa, não podiamos calar em nossos corações o santo desejo de associarmos nossas debéis vozes a esse concerto admiravel que de todos os recantos de Portugal se ergue espantosamente grandioso para proclamar a santidade do Papado, para protestar contra os insultos arremessados sobre os restos venerandos de Pio IX, do Pontifice da Immaculada e do *Syllabus*.

Adherimos, pois, com todas as veras de nossas almas ao protesto da Commissão promotora do Monumento a Pio IX, o Grande, publicado no n.º 22 do 3.º anno do «Progresso Catholico» e fazemos votos porque seja em breve uma realidade o grandioso pensamento, objecto de todas as vistas do mundo Catholico.

Guimarães 4 de Novembro de 1881.
— João Lopes de Faria — Domingos José Leite Mendes — Francisco José Pereira — José Maria Valerio Ribeiro — José Mendes Salgado — Antonio Mendes Leite — José Augusto de Oliveira.

DE VARIAS PESSOAS

De todos os pontos da terra, onde a Igreja Universal tem crentes, e a Cadeira de S. Pedro discipulos, se levanta uma voz unisona que protesta, á face de Deus e dos homens de cons-

ciencia recta, contra os insultos dirigidos ás cinzas d'um Pontifice da Igreja Catholica, Pio 9.º, e á Sagrada Pessoa do seu benemerito Successor, Leão 13. E estes protestos, lavrados pelo Episcopado, pelas Corporações Religiosas, e pelos simples fieis, se não moverem as auctoridades da terra a reivindicar o patrimonio de S. Pedro, para garantia do dominio espiritual do Chefe da Igreja de Jesus Christo, ao menos patentearão a unidade de crengas dos catholicos, levarão um balsamo consolador ao coração amargurado do Santissimo Padre, que ora preside á Igreja de Deus, e moverão o ceu a destruir os planos diabolicos dos inimigos de todo o bem, concedendo a paz á Sociedade pelo proprio Deus instituida entre os homens.

E' por isso que eu,—o mais obscuro filho d'esta Igreja que me recebeu nos braços carinhosos e em cujo seio espero reclinar a cabeça quando a Deus aprouver chamar-me da vida presente,—venho unir minha debil voz á de tantos milhares de christãos, faço minhas as palavras de indignação que aos Pés de Sua Santidade levou a benemerita Commissão do monumento a Pio 9.º, e sollemnemente protesto contra os insultos que um bando de homens sem fé, sem Deus e sem dignidade dirigiu ao cadaver d'um Pontifice, e ao coração do actual Vigario de Jesus Christo.

Viva Leão 13—Pontifice e Rei!

Porto, 26 de Outubro de 1881.

João Antonio Pereira,
medico e cirurgião.

Reiterando o protesto que fiz e foi publicado na *Cruz do Operario* n.º 68 (assignado por mais de 140 catholicos, contra os actos preversos e indecorosos praticados pelos revolucionarios italianos nos dias 13 de julho e 7 de agosto, faço a minha adhesão ao protesto da Commissão.—Avidagos—Manoel Ignacio M. de Moraes.

Queira V. receber a minha adhesão ao protesto da Commissão promotora do monumento a Pio IX, contra os malevolos attentados dos maltrapilhas italianos.

Guimarães 31 de Outubro de 1881.
—Arnaldo Alves.

III.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.—Os abaixo assignados e suas familias, pezarosos pelos insultos, ultrajes e desacatos, perpetrados, pela soldadesca satanica, aos restos mortacs do sempre chorado e nunca esquecido Pontifice Pio IX, vem por este meio adherir ao protesto, elaborado no *Progresso Catholico*, contra tão lastimavel e indiguo proceder, manifes-

tando igualmente o respeito, veneração e acatamento que têm, e sempre tiveram á sagrada e inviolavel pessoa do representante de Jesus Christo.

Se o odio, a raiva e o desespero levaram essa phalange de inimigos do Christianismo a vomitar asquerosos insultos ás cinzas do Pontifice da Immaculada, e a vociferar estas horriveis palavras—*morra o Papa*, o amor, a cordialidade e o respeito movem nossos labios a pedir a Deus pela conversão dos impios, augmento e prosperidade da Santa Igreja Catholica, e a bradar, bem alto, e do fundo do nosso coração—**VIVA LEÃO XIII.**

Padim da Graça 6 de Novembro de 1881.—O Abbadé, Joaquim José Gomes d'Oliveira—Padre Joaquim José Soares—João Corrêa Garcia da Trindade—José Joaquim Gonçalves Dias.

As commissões filiaes

Na *Ordem*, nosso esclarecido collega de Coimbra, publicou o R.º Sr. Padre José da Costa e Oliveira Pinto, illustrado sacerdote que de bom grado accitou o ser presidente da commissão filial na Covilhã, o seguinte bello artigo, que gostosos transcrevemos com a venia devida:

A PROPOSITO DO MONUMENTO A PIO IX

Appello á catholica Covilhã

Quando na mente estolida e descrente dos maçons italianos se estava urdindo o plano tenebroso e infamissimo, posto por obra na noite de 12 para 13 de julho do anno corrente por occasião da trasladação das venerandas cinzas do nosso amabilissimo e saudosissimo Pio IX para o seu jazigo, mal diriam elles que o mundo catholico havia de erguer-se á uma para stigmatizar com termos os mais frisantes tão execrando attentado.

Ainda se não extinguiu de todo o echo energico e consolador das vozes unisonas de todos os catholicos, enviando aos pés de S. S. Leão XIII, o digno successor de Pio IX, o testimonho do seu affecto e dedicacão, ao mesmo tempo que com expressões da mais justa indignação verberavam os iniquissimos desacatos, consummados com o mais revoltante desaforo e com a indisculpavel acquiescencia do governo italiano, quando, para maior amargura de corações verdadeiramente portuguezes, aprouve lá nos altos designios da corõa brindar o ministro italiano, Mancini, com uma gran-cruz, e isto na significativa occasião, em que Portugal, o reino fidelissimo, tambem protestava contra Mancini pela sua culpabilidade immediata nos acontecimentos desvergonhados d'aquella noite, de triste e impere-

cedoura memoria, pela celebre nota, elemento bastante para cabalmente definir os *distinctos merecimentos e qualidades* do agraciado, que ouzou, o infame!—, chamar mentiroso ao Papa... *Mallita affronta!!*... Mais esta vez protestou!

Contra tudo isto já têm protestado milhares de portuguezes, e o seu numero está ainda a crescer de dia para dia d'uma maneira pasmosa e animadora;—mas onbora este movimento seja assás expressivo, e nos auctoreze a proclamar mais esta vez a crença de todo o sempre, —de que a maioria da nação fidelissima é decididamente catholica—, parece pouco para o muito, que cabe em peitos portuguezes.

Um punhado de fervorosos catholicos em Guimarães, como que por providencia, e apenas quatro dias depois de perpetrados os sacrilegos escandalos, a que já me referi, conceberam um pensamento grandioso e felicissimo, o de erguerem *uma estatua a Pio IX* no alto da serra de Santa Catharina, á vista do monte Sameiro, para onde hoje estão convergindo tão entusiasticamente os actos de acrizolada Devoção á Virgem Immaculada, e a pequena distancia d'aquella cidade, notavel por tantos titulos.

Ideia espontanea ao nascer, mas hoje é forçoso levar-a a cabo, porque se avolumam pasmosamente os motivos para a não deixar esvanecer.

Se então era só preito d'amor, e penhor de saudade, hoje representa mais, —é um brado d'indignação gravado no marmore para attestar ás gerações por vir, que, se no ultimo quartel do seculo dezanove houve gente (!) tão perfida e selvagem, que não respeitou as cinzas do mais amado dos Pontificos, cuspidolhes dicerios os mais soezos e grosseiros, catholicos havia tambem, que com ardor infatigavel conceberam e realizaram insculpir em letras de bronze o seu eloquente protesto por taes acontecimentos.

Este nobre pensamento foi, como não podia nem devia deixar de ser, bem acolhido por toda a parte, a sua noticia tem chegado a todo o mundo catholico, e até já S. S. Leão XIII se dignou congratular-se com os iniciadores de tão meritoria empreza, animando-os a proseguir com a Sua Benção Apostolica, e não devendo o monumento revestir outro character, que o de nacional, é o motivo porque por diversos pontos do paiz se tem nomeado commissões filiaes para promoverem donativos, a fim de levar-se a cabo e com a magestade condigna obra tão grandiosa e de tanto interesse.

A Covilhã, a catholica Covilhã não deverá ficar indifferente a este enthusiasmo,—na vida de Pio IX deu por muitas vezes imponentes mostras do seu

entranhado amor e filial dedicacão,—a sua morte pranteou-a com sentidas lagrimas, suavizadas com magestosas exequias,—ás offensas sacrilegas na trasladação das suas venerandas cinzas já lavrou valente e numeroso protesto,—e não quererá agora collocar tambem no monumento projectado uma pedra sua?

Conhoedor das circumstancias particulares, em que se encontra a Covilhã, muito acabrunhada pela crise, que ha tantos annos lhe tem custado a atravessar, bem sei que os donativos não podem ser de grande monta, mas onbora,—se no monumento a Pio IX não pudermos collocar uma pedra, concorramos ao menos para lá fazer gravar sobre o marmore uma letra de bronze, e que se diga—*a Covilhã tambem aqui tem alguma cousa.*

N'este intuito pois, tendo eu a distincta consideração de ser convidado pela Commissão promotora do monumento para, com alguns amigos da minha escolha, constituir una Commissão filial n'esta cidade para pedir e recolher donativos para tão louvavel e grandioso fim, consegui organizal-a já, e em breve vai começar os seus trabalhos; mas na impossibilidade de bater á porta de todas as pessoas, que por ventura deejem subscrever com alguma quantia, pequena que seja, fica desde já aberta a subscrição em casa do signatario d'estas linhas, e na loja de commercio dos ill.ºs membros da commissão, Janeiro da Costa Ratto, José Antonio Freire, e Luiz Antonio de Carvalho, onde cada um poderá offertar o seu obulo, na certeza de que opportunamente será publicada a lista dos subscriptores e respectivos donativos na excellente e bellissima revista quinzenal—*O Progresso Catholico*—de Guimarães.

Ahi fica o appello á catholica Covilhã, e confio que não será embalde. Covilhã 21 de novembro de 1881.

Padre José da Costa e Oliveira Pinto.

SUBSCRIPÇÃO PARA O MONUMENTO

Transporte do n.º anterior (1) 366\$440

Do R.º Padre Agostinho da Cunha Sotto-Maior, de Barcellos	5\$000
Das Ex.ªs Sr.ªs Veigas, do Convento de Santa Clara, de Santarem	1\$700
De um anonymo, de Santarem	\$200
De uma assignante do <i>Progresso Catholico</i> , de Fafe..	\$700
Do R.º Padre José Teixeira de Souza, de Sanfins do Douro	1\$000

(1) Retiramos da somma do n.º anterior a quantia de 22\$800 réis, que por vezes temos lançado do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, para fazer entrar em todos os numeros a dita subscrição em verba separada.

Do R. ^{mo} Padre Manuel José Valente, de Estarreja. . . .	5500
Do R. ^{mo} Dr. João Martins Machado, de Guimarães. . .	55000
Do R. ^{mo} Frei Francisco d'Ave Maria Queiroz, de Souzaella.	35000
Padre Bernardo Antonio Gatta Limão, de Malhada Sorda	15000
Um anonymo, de S. Thiago de Bougado.	600
Promovida pelo R. ^{mo} Abade de Figueiras:	
Do Ex. ^{mo} Sr. Balthazar Pinto Lobo.	15000
Do R. ^{mo} parcho, e mais clero, de Freamunde	45500
Do R. ^{mo} Abade de Figueiras e seu parochiano o R. ^{mo} Padre Florencio	25000
Enviado pelo Ex. ^{mo} Snr. Pedro Antonio Bernardino, do Porto, seu.	25250
Dos Ex. ^{mos} Snrs. João Baptista Ruas.	25250
Julio José Ruas.	25250
Subscrição feita na freguezia de Mascotellos, de Guimarães, pelo parcho da mesma R. ^{mo} Padre João Gomes d'Oliveira Guimarães. . . .	105000
Idem na freguezia de Santa Eulalia de Fermentões, de Guimarães, pelo parcho o R. ^{mo} Padre Manuel José Pimentel e Padre Antonio Afonso de Carvalho.	175500
Somma.	4275790
<i>Subscrição dos Ex.^{mos} e R.^{mos} Prelados de Portugal</i>	
Tencionando abrir esta subscrição, e como S. Ex. ^a R. ^{ma} o Snr. D. Antonio Sebastião Valente, arcebispo de Goa, ao dignar-se escrever á Commissão em resposta á carta que a mesma lhe enviou, promettendo, logo que chegue a ir tomar conta da sua Diocese, empenhar os seus diocesanos na grandiosa obra do monumento, fizesse acompanhar a dita carta da quantia de réis 185000, damos com esta quantia principio á subscrição episcopal.	
De S. Ex. ^a R. ^{ma} o Snr. Arcebispo de Goa.	185000
Subscrição aberta pela redacção do <i>Novo Mensageiro do Coração de Jesus</i> , de Lisboa.	285350
Somma.	4745140

Secção para rir

A um amigo que convidára outro para jantar, respondeu este:

Meu Y.

Não posso d'esta vez accetar o teu convite porque morri. Enterrei-me hon-tun com as cerimoniaes acostumadas, para traduzir dentro de poucas semanas os . . . «Jesuitas» do Paulo Féval. Concluida a traducção resuscitarei e irei provar o caldo da tua panella. No entretanto, podes ter a certeza que pensarei em ti no meu tumulo.

De profundis.

* * *

«Senhor conselheiro», dizia uma vez uma certa marquezia que convidára aquelle a jantar á sua meza, «que vinho prefere, Porto ou Madeira?»

«Minha senhora», respondeu com uma voz druidica o magistrado assim interrogado; «é essa uma demanda não muito facil de resolver. Peço a V. Ex.^a para consultar á *vontade* os documentos ou as peças do processo antes de pronunciar-me.» E que tal está o da guitarra? Não era tolo o maganão. Todos entendem que as peças do processo eram o *porto* e o *madeira*.

* * *

«Salte-me já fóra da cama, seu pedaço de mandrião, senão ponho-lhe essas orelhas em malagueta. Não vê como o sol vai já alto?» gritava uma mãe desesperada e nas pontinhas dos pés a um filho muito cábula que nunca achava tarde para levantar-se. O rapaz espreguiça-se, abre uma boca maior que a d'un sapo e responde: Forte admiracção! Se eu tivesse de andar tanto como o sol, tinha-me levantado quando elle ou ainda antes.

* * *

Em uma carta a Madama de Epinay, Voltaire dizia que o diabo tinha assistido á primeira representação da sua tragedia de «Tancredo» debaixo da figura de Freron: critico desapiadado dos escriptos de Voltaire), e que se tinha reconhecido a presença d'elle por uma lagrima que cahira de um camarote sobre o nariz de Freron, e que ao cahir fizera — *pick* —, exactamente como se cahisse sobre um ferro em brazas.

* * *

Uma senhora do Porto escrevera á sua amiga Z. para lhe pedir que visse se lhe arranjava um professor que tivesse taes, taes, e taes e ainda mais

taes habilitações e qualidades. A senhora D. Z. respondeu á amiga:

Minha cara.

Tenho procurado e tornado a procurar o professor que desejas e ainda o não encontrei, tão numerosas são as qualidades que d'elle exiges. Continuarei a procural-o e logo que o encontrar dou-te parte, ou provavelmente faço ainda melhor do que isso. . . , caso com elle.

* * *

Dois parceiros passeavam pelo braço um do outro. De repente, um d'elles affasta-se e vai para ausentar-se precipitadamente.

«Então que é isso?»

«Não vês aquelle sujeito que alli vem?»

«Vejo, sim, e então que tem isso?»

«E' o meu medico.»

«Mas que importa que seja o teu medico?»

«Ha tanto tempo que não estou doente! . . . Envergonho-me de lhe apparecer.»

* * *

«Pois tu estás assim a espreguiçar-te e a abrir a boca diante de mim?» dizia uma mulher ao seu marido.

«Minha rica; bem sabes que marido e mulher fazem um só, e quando eu estou só aborreço-me.»

* * *

Em que se parece um idiota com um balão? Em que ambos são ôccos.

Em que differo um atheu de uma besta? Vamos a ver se o leitor adivinha. Um, dois, tres. . . Então não adivinha? Nem nós tão pouco.

CORREIO SEM FRANQUIA

Cartas recebidas desde o dia 24 de outubro a que não podemos responder por outra via, do que pedimos desculpa.

Dos Ex.^{mos} e Ex.^{mas} Snr.^{as}:

—D. Carolina Augusta Ferreira Casado.—Fica pago o 4.º anno da assignatura de V. Ex.^a e da Ex.^{ma} Snr.^a D. Marcelina d'Araujo. Agradecemos.

—Padre João Gaudencio de Noronha.—Tomamos nota da assignatura que agradecemos.

—Alfredo Evaristo Rodrigues.—Tomamos nota e agradecemos penhoradissimos.

—Silvino Figueira de Souza.—Tomamos nota e agradecemos.

—D. Marta Rita Freire d'Andrade do Carvajal.—Fica pago o 4.º anno, que agradecemos.

—Dr. Manoel Carvalho d'Araujo Lima.—Fica pago o 2.º fasciculo, enviado.

—Dr. Joaquim Augusto de Souza Macedo.—Recebemos e agradecemos.

—Dr. Manoel Moreira Aranha Furtado de Mendonça.—Tomamos nota da assignatura, enviamos o 3.º vol. e enviaremos o 4.º quando concluido, e agradecemos tudo quanto de bom nos deseja.

—Prior Joaquim da Silva.—Agradecemos a nova assignatura, recebemos as estampilhas e pedimos que nos não mande mais a não ser postaes. Vamos procurar os sermões, e apparecendo envial-os-hemos.

—Padre João Vicente de Brito Pontes.—Fica pago o 4.º anno.

—Luiz Antonio da Rocha.—Recebemos o importe da assignatura do Snr. Joaquim Alves Pena, enviamos 7 exemplares do livro pedido, que custa a importancia recebida e agradecemos tudo.

—Padre José Dias Urbano.—Tomamos nota da assignatura, que agradecemos.

—Padre José Gregorio Tavares.—Fica pago o 4.º anno.

—José Joaquim Nunes.—Fica notada a assignatura indicada no postal de 8 do corrente.

—D. Maria da Gloria Caupers.—Fica paga a assignatura do 4.º anno da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Carlota do Padre, e agradecemos.

—José Franco de Souza.—Tomamos nota de tudo e agradecemos.

—Padre Manuel José de Barros.—Fica pago o 4.º anno, e bem assim o Dia a Dia, que enviamos, e agradecemos.

—José Bernardo da Silva.—Ficam pagas as assignaturas do 4.º anno do Rev.^{mo} Prior de Cossourado e do Ex.^{mo} Snr. Francisco da Costa Freitas.—Enviamos o que pediu.

—Abbate Francisco Barboza de Queiroz.—Fica pago o 4.º anno do «Progresso Catholico» e mandamos o 3.º fasciculo. Pio 9.º logo que concluido.

—Manuel Ignacio Machado de Moraes.—Recebemos do Rev.^{mo} Teixeira a quantia indicada, e entregamos-lhe a carta. Foi o livro pedido.

—Padre João d'Almeida Metello.—Fica pago o 3.º anno.

—D. Anna Rita de Nazareth Henriques.—Fica pago o 4.º anno.

—Padre Antonio Correia da Trindade.—Fica pago o 4.º anno.

—Frei Francisco d'Ave Maria Queiroz.—Fizemos a assignatura do Mensageiro, que fica paga.

—Padre Aniceto Rodrigues d'Oliveira.—Fica pago o 3.º anno, e tomamos nota.

—Frederico Alves.—Recebemos a quantia enviada e tomamos nota do mais.

—Manuel Luiz Coelho da Silva.—Fica

pago o 4.º anno de V. Ex.^a e do Rev.^{mo} Padre Fisher, que agradeço.

—Reitor Antonio Alves Calvão.—Fica pago o 3.º e 4.º anno, que agradecemos.

—Padre João Baptista Ribeiro Coelho.—Fica pago o 4.º anno do «Progresso Catholico» e bem assim o livro enviado.

—Joaquim Marques Ferreira.—Tomamos nota das novas assignaturas que serão enviadas logo que estejam brochados os volumes.

—José Pereira Menezes Leal.—Fica paga a assignatura do 4.º anno, pertencente ao snr. Manuel Ferreira da Costa, que agradecemos.

—Padre Carlos Pinto de Magalhães.—Enviamos os 1.ºs numeros.

—Padre José Maria Gomes da Costa.—Fica pago o 4.º anno. Não respondemos á carta porque tivemos de inutilisala para aproveitar as estampilhas, que vinham pegadas.

—Padre Justiniano A. Trigo Negreiros.—Recebemos, cumprimos, e tudo agradecemos.

—Padre José Dias.—Recebemos a quantia enviada, mas a H. de Pio 9.º já estava paga e por isso fica esta quantia ás ordens.

—Padre Antonio Caetano Vaz Pereira.—Fica pago o 4.º anno, e enviamos os numeros publicados.

—Padre José Maria Ferreira.—Satisfizemos as 2 assignaturas, que agradecemos, e muito agradecemos tambem as noticias que se offerece enviar-nos.

—Joaquim Ferreira dos Santos Rego.—Recebemos e agradecemos. Temos tomado nota de tudo.

—Dr. Manuel Moreira Aranha Furtado de Mendonça.—Recebemos e agradecemos a quantia enviada, com que fica pago o 4.º anno e 3.º Papas.

—Padre Domingos Pinheiro Pinto de Carvalho.—Satisfizemos a nova assignatura que agradecemos.

—Joaquim Antonio Pacheco.—Enviamos o que pediu.

—José Pedro Lopes Pinto.—Recebemos a quantia enviada e tomamos nota das 2 assignaturas para o 4.º anno, que agradecemos.

—Padre José Teixeira de Souza.—Recebemos e agradecemos. Ficam pagas as 4 assignaturas do 4.º anno, entregamos á commissão a quantia indicada, e ficam 1\$100 para a H. da Inquisição.

—Padre Antonio Dias Moreira Padrão.—Tomamos nota da assignatura da H. da Inquisição; o mais está já resolvido.

—Padre Joaquim José Coelho de Serqueira.—Fica pago o 4.º anno.

—Pedro José Martins do Ó.—Recebemos a importancia do 1.º e 2.º Scavini.

—Antonio Ferreira das Neves.—Tomamos nota das 2 assignaturas que agradecemos.

—Padre José Dias Urbano.—Agradecemos as duas assignaturas, bem como o mais.

—Elias Simões da Silva.—Recebemos a quantia enviada e fica pago o 3.º anno, e o 4.º que vae para Africa.

—Padre Evaristo Prudencio do Amaral.—Reformamos a assignatura que fica paga, e com o resto enviamos «A Roma».

—Abbate José Antonio Nogueira.—Enviamos o 1.º e 2.º anno, que fica pago, bem como o 4.º Satisfizemos a nova assignatura, que fica tambem paga, e que muito agradecemos, assim como tudo quanto de bom nos deseja.

—Padre Frederico Amancio d'Almeida Mendes.—Cumprimos o que nos ordenou.

—Padre Tiburcio Pereira Gomes.—Fica paga a assignatura, que foi satisfeita, e que muito agradecemos.

—Padre Francisco Martins.—Fica pago o 4.º anno.

—Antonio Marques da Silva.—Fica pago o 4.º anno.

—Padre Sebastião Alves.—Tomamos nota da assignatura do 4.º anno, enviamos os 4 livros pedidos, e a importancia pode vir em valle do correio.

RECTIFICAÇÃO

Snr. Redactor.

Em virtude da resposta dada por V. no seu correio sem franquia, n.º 3 do 4.º anno do «Progresso Catholico», com referencia a uma carta minha, cumprimento rectificar a dita resposta, a fim de evitar complicações aos assignantes que costumam fazer os seus respectivos pagamentos em minha casa. Os senhores assignantes, em Vianna do Castello, que, até ao presente, tem pago a sua assignatura, para o 4.º anno, são somente os seguintes:

Ex.^{mos} Snrs. Padre Manoel Joaquim Pereira de Carvalho—Padre José Januario Alves Rodrigues—Padre Manoel José Rei—Padre Antonio José de Carvalho—Fr. João Zamith—Antonio Pires L. Fernandes.

Outros renovaram verbalmente as suas assignaturas; e, creio que, como já disse a V., os que eram assignantes do 3.º anno estarão resolvidos a continuar no 4.º—Avisarei dos que forem satisfazendo o importe de suas assignaturas, para lá tomarem a devida nota, e não haver duvidas de futuro no recibo. Desculpe V. mas eu julguei necessaria esta rectificação.

Vianna do Castello 3 de Dezembro de 1881.

Duarte Pereira Dias Ribeiro.

IMPRESA COMMERCIAL

SANTOS CORREA & MATHIAS